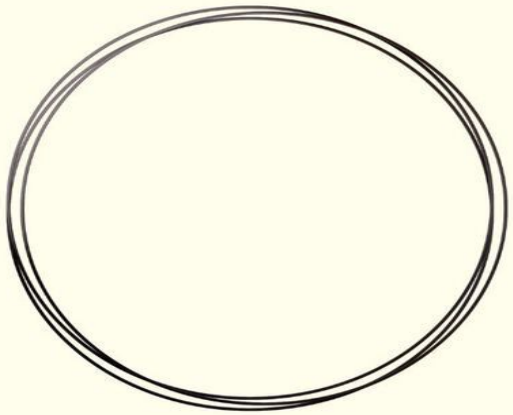
VITORIA SOUZA



Círculos não são infinitos

Copyright © 2023 Vitória Souza

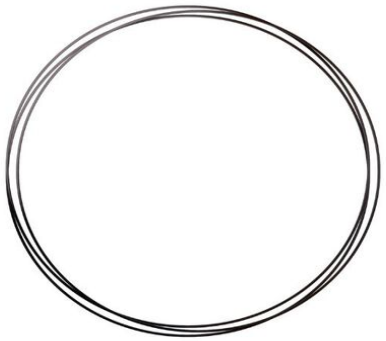
All rights reserved

The characters and events portrayed in this book are fictitious. Any similarity to real persons, living or dead, is coincidental and not intended by the author.

No part of this book may be reproduced, or stored in a retrieval system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise, without express written permission of the publisher.

ISBN-13: 9781234567890
ISBN-10: 1477123456

Capa: Vitória Souza
Leitura beta: Karen Fernandes e Gustavo Pires
Revisão: Julie Ane Lemos



Circulos não
são infinitos

AVISO

Se você procura uma história cinematográfica, cheia de plot twists e personagens cativantes, procure outro livro. Esse aqui é um tanto entediante. E a protagonista? Provavelmente uma das mais chatas que você vai conhecer, com uma cabeça brilhante extremamente confusa e uma personalidade bastante quebrada.

Mas se você é daqueles que lê uma boa frase e tem vontade de torná-la um líquido e beber para que faça parte de você; se você é daqueles idiotas, que andam com a cabeça para cima admirando um céu colorido ou estrelado; e se você ocupa boa parte da sua mente com pensamentos existenciais e no fim acaba chegando a conclusão nenhuma — e ama isso —, talvez você deva seguir para a próxima página e ler essa história.

Depois não diga que eu não avisei.

A todos que passaram da página anterior.



UM

É terça de manhã e a pequena cozinha do meu apartamento cheira a café de cápsula recém-feito.

Ozeias de Paula canta alguma coisa sobre amor, preenchendo o silêncio com o vibrato encorpado e o adorável chiado que só músicas antigas têm. Não lembro como essa canção foi parar na minha lista de reprodução. Ela me lembra a Jojô.

Sento em um dos bancos altos da cozinha americana e vejo as cortinas balançarem sincronizadas à melodia do saxofone quando a canção se aproxima do fim. A brisa úmida do inverno amazônico lambe o meu rosto aquecido pela fumaça do café e, embora esteja chovendo, alguns tímidos raios de luz incidem na minha prateleira, deixando a lombada dos livros levemente dourada.

Eu deveria estar feliz.

Eu estaria feliz se todos os pequenos pontos de embevecimento da minha paisagem estivessem diante de mim há alguns anos, quando manhãs solitárias com café e música eram o suficiente para me fazer dançar pela cozinha.

O café está aqui. A música também. Mas o fato de não ser mais uma manhã solitária me tira a sensação de paz.

Ozeias termina a canção e — céus, ele não deveria *mesmo* estar cantando sobre as razões para amar agora — uma melancólica música estrangeira assume a trilha sonora da minha manhã. Um presságio de que a bolha do devaneio vai terminar e o sino da meia-noite fará com que o conto de fadas seja engolido por uma realidade onde não existem felizes para sempre, embora eu assista, leia e escreva sobre isso.

— Hoje é o último dia do projeto, então vou ficar no trabalho até terminar. Pode ser que vire a noite.

William sai do quarto e vai em direção à porta. Sinto o cheiro de sabonete e de pele masculina limpa quando ele passa por mim. Não olho para ele, mas eu sinto. Sinto tudo terminando e escorrendo entre os nossos dedos, e eu e ele não damos a mínima.

Me desculpe, Ozeias.

Não há razão para amar quando se está à beira de um divórcio.

DOIS

Bem quando eu mais precisei de você
Você veio e me carregou para casa
(Carried - Ethan C. Davis)

Eu adoro reclamar de estar ocupada.

"Vamos sair?" “Não posso, estou ocupada.” "Por que você está mal-humorada?" “Tenha paciência, eu ando muito ocupada.”

Fred estragou a minha vida quando me deu uma licença.

Ok, eu sabia que precisava de férias. Fiquei trancada no escritório e escrevi cinco livros nos últimos três anos. Se dependesse de mim, teria terminado a história no segundo, mas Fred insistiu tanto que deveríamos estender a série que acabei concordando.

Ele sempre diz que eu não preciso ser a melhor autora, só preciso ser a autora favorita. O que aquele malandro quer dizer é que eu preciso continuar enchendo o bolso dele de dinheiro.

O pior é que eu amo o cara. Depois de anos trabalhando juntos, viramos amigos. Por isso, antes de contar para qualquer outra pessoa, eu cometi a estupidez de contar a ele sobre o meu casamento moribundo. O que eu esperava? Um "beleza, faça o que precisa ser feito e depois comece a trabalhar em um novo projeto para afogar as mágoas". Mas o que recebi foi

uma licença de trinta dias que me faz querer matá-lo porque não sei mais viver sem estar ocupada.

Encaro o telefone por alguns segundos, como se o maldito aparelhinho estivesse em chamas, e então decido queimar as mãos. Disco o número. Espero por alguns segundos.

— *Não aten…* — Ouço a voz de Fred ao fundo assim que a chamada é atendida. Demora algum tempo até o estagiário, inocente de que eu deveria ser ignorada, passar o celular ao meu editor.

Posso sentir ele respirar fundo antes de dizer algo.

— Bom dia, *sunshine*! Como vai?

— Seu verme. Não queria me atender, não é? — digo, mas resolvo deixar passar. Só desta vez. — Ainda tem vaga na antologia de contos de natal?

— Você — ele faz uma pausa. Consigo imaginar sua pose de bule de chá com uma das mãos na cintura e a outra segurando o celular. — Você é completamente maluca.

— Ah, Fred…

— A antologia é infanto-juvenil, e você, sua doida de pedra, escreve fantasia YA. Notou alguma diferença?

— *Romantasia* YA — corrijo.

— Tanto faz. Você basicamente carrega a indústria literária do seu gênero e ainda quer se meter onde não é chamada — ele continua. — Não me admira as coisas estarem indo pelo ralo com o príncipe encantado.

— Eu odeio *tanto* você.

— Eu sei, também te amo. Agora, por favor, vá curtir suas férias, colocar sua vida em ordem e pare de me encher.

— Eu não sei como fazer isso — bufo, trocando o telefone para o outro lado. — Se eu não produzir alguma coisa, me sinto inútil. E agora que

terminamos a série, tem um buraco imenso, grande e obscuro na minha vida.

— Ma-ní-a-ca.

— Ah, quer saber? — Reajo, caminhando em direção ao escritório. — Vou começar a trabalhar em uma história nova querendo você ou não.

Abro a porta e caminho para a estante. Seguro o telefone na clavícula enquanto me empertigo na ponta dos pés para pegar uma caixa na prateleira mais alta.

— E dane-se, vou escrever um gênero novo e pegar você e seus malditos quadros coloridos de planejamento de surpresa.

— Ótimo! — Fred exclama do outro lado. — Faz isso, Maeve. Escreve algo novo. Algo que você goste. Escreve uma cartinha de amor. Um catálogo de espécies de borboletas. Compõe uma música, não sei… Mas que seja alguma coisa para você mesma depois de tanto tempo escrevendo para os outros.

— Lá ele, incorporou o *coach*.

— Eu tô falando como seu amigo. Você escreve pensando nos leitores, no mercado, nos críticos… E agora pode escrever algo que goste de verdade. Você é uma escritora *best-seller*? Legal. Você pode jogar com esse *player* todos os dias depois das suas férias. Mas, por agora, você pode ser só uma escritora. Ou leitora. Ou, sei lá, *a rainha celta que fez o seu pai te dar esse nome esquisito.*

Desço a caixa e suspiro, odiando que ele tenha me deixado sem argumentos. Escrever sabendo que você tem um público e um contrato e que ambos têm expectativas torna o caminho mais agridoce. Voltar a escrever sem esse peso, como nos primeiros dias, pode ser uma boa coisa, mas acho que nem lembro mais como fazer isso. Ser apenas escritora. Ou apenas leitora.

Ou apenas Maeve.

Que droga é passar tanto tempo na própria cabeça e, no fundo, ser a pessoa que menos conhece a si mesma.

Fred masca o chiclete por alguns segundos do outro lado da linha e então quebra o silêncio.

— Olha, *sunshine*, sei que as coisas podem não estar tão boas por aí, mas se você consegue resolver a vida de pessoas inventadas, você consegue resolver a sua. Você é ótima em criar problemas. Tenho certeza que também tem talento para criar soluções.

Esboço um sorriso.

— Você não pode soltar bons discursos do nada. Mancha a imagem de idiota com meio neurônio funcionando que eu tenho de você.

Fred dá uma gargalhada.

— Culpa sua eu arriscar a minha reputação. Você não escuta droga nenhuma se não vier enfeitado com frufrus poéticos.

— Estou torcendo sinceramente para que você engasgue com o almoço hoje.

— E eu estou torcendo para que você não me ligue de novo, a menos que seja porque decidiu fazer o *cosplay* da rainha celta. Preciso de uma foto disso para postar no seu aniversário. *Love you*, *sunshine*.

Fred não espera a minha resposta antes de desligar.

Jogo o telefone na poltrona e encaro a caixa à minha frente. Esfrego as mãos no moletom gigante que estou vestindo para me livrar do excesso de poeira. A roupa pertencia a William, mas roubei faz tempo. Não tem mais o cheiro dele, apenas o meu.

Além dos *post-its* coloridos que eu usava para planejar as histórias quando comecei a escrever a série, a caixa também tem diários velhos, *scrapbooks* e um projeto de *Bullet Journal* que eu fiquei com preguiça de

continuar. A escrita sempre esteve na minha vida, de uma forma ou de outra; acho que nunca pude evitar.

Seguro um dos cadernos em minhas mãos. Aliso a capa e sinto o cheiro de mofo por estar guardado há algum tempo. Folheio de trás para frente, olhando as páginas em branco com pequenas manchinhas amareladas até parar na última coisa escrita, que quase me arranca um sorriso.

“Abril, 2019. Acho que estou apaixonada pelo Liam.”

— Vou ter que atualizar você, caderninho — murmuro antes de puxar uma cadeira, destampar a caneta-pilotinho com a boca e virar na próxima página, reencontrando a Maeve que escrevia tudo que sentia para não explodir.

TRÊS

Eu fico sobrecarregada às vezes.
(I get overwhelmed sometimes - Abbie Gamboa)

Novembro, 2023.

Eu e Liam vamos nos separar.

Antes, eu deveria contar que eu e Liam nos casamos. Antes, eu deveria contar que eu descobri que gostava dele naquele dia, no festival da universidade. Que fomos bons um para o outro durante muito tempo. E que, se somarmos todas as nossas conversas nos últimos meses, temos menos falas que o Malfoy em toda a saga Harry Potter.

Ainda não contei a ninguém os motivos de ter tomado essa decisão. Em parte, porque as pessoas achariam ridículo. Em parte, porque, se verbalizar em voz alta, pode ser que EU ache ridículo.

Não dá para confiar na minha mente quando se trata das minhas certezas.

Como escritora de romances, eu sei que existem inúmeras formas pelas quais você pode convencer um leitor de que os personagens principais estão se apaixonando. Ele oferece um guarda-chuva ou a convida para um café. Ela briga com o pai narcisista que queria fazê-lo tomar conta da empresa, ou então se lembra do aniversário do rapaz. Independente das

formas como o amor acontece, me parece que ele é uma construção de coisas pequenas. E é assim que o romance começa.

Deixe-me dizer que é exatamente assim que ele acaba.

Eu não traí o William e (acho que) ele não me traiu também. Não tivemos nenhuma briga feia estampada em todas as bocas de vizinhas fofoqueiras. Não houve um acontecimento bombástico. Um fim da picada. Uma curva brusca na estrada. Tudo aconteceu sutilmente. Como o céu do entardecer que aos poucos assume tons mais escuros sem que você perceba que, em vez de sol e nuvens, há um tapete arroxeado e sem estrelas.

William e eu nos distanciamos um do outro. Brigas mal resolvidas. Tratamentos de silêncio. Intervenções familiares caóticas. Chegamos a um ponto em que dias emburrados eram mais comuns do que dias comuns. Mas o pior é que fingimos que nada aconteceu. Nenhum de nós grita ou faz barulho. Nenhum de nós coloca o dedo na ferida e procura por uma solução. O que significa que nenhum de nós realmente se importa.

Nós desistimos.

Me pergunto se ele se arrepende de ter feito o pedido. Me pergunto se EU me arrependo de ter aceitado e, caminhando em círculos com esse pensamento, decidi pedir o divórcio enquanto ainda não machucamos demais um ao outro. Talvez ainda possamos ser amigos. E talvez a gente use um "lembra daqueles três anos que a gente se casou e achou que daria certo?" como uma zoeira para quebrar o gelo.

Minha mãe diz que estou sendo dramática.

Na verdade, desde que eu era criança, ela me critica por ser tão intensa. “Você coloca peso demais nas coisas, Maeve. A vida fica mais difícil assim.” Mas não faço de propósito.

Tenho a sensação de que conheço demais a espécie humana, que consigo ler nas entrelinhas e que tenho uma intuição muito forte. — Os

críticos literários que elogiam minha construção de personagem só reforçam esse pensamento. — E isso me faz acreditar que consigo prever as catástrofes e enxergar a verdadeira intenção de alguém antes que a pessoa diga alguma coisa.

Mas, às vezes, eu só acho que sou louca.

Embora tudo ainda seja um tanto enevoado, sei o que preciso fazer agora. Preciso romper o vínculo com William antes que me enlace nele ainda mais. Antes que a gente ache que superou a crise e torne mais difícil tomar a decisão da próxima vez. Antes que eu comece a pensar demais no cara com o qual me casei e continue algo apenas pela nostalgia. Ou antes que nossos filhos gravem vídeos para o TikTok daqui a uns anos com o título "POV: pior do que ter pais divorciados é ter pais que deveriam ter se divorciado mas ficaram juntos porque você nasceu."

Lorenzo, meu filho, mamãe está fazendo isso por você.

Talvez eu seja mesmo louca.

QUATRO

Meu coração é um estranho para mim às vezes.
(My heart is a stranger - Chris Renzema)

— Está de saída?

Levanto a cabeça para encarar William diante da porta que acabei de abrir.

Depois de lembrar da Maeve que escrevia os pensamentos malucos de uma cabeça muito mais maluca, eu também lembrei que essa Maeve adorava ler.

Foi o amor pelos livros que me levou à escrita, mas depois de um tempo eu comecei a ler mais para melhorar as minhas próprias histórias ou me comparar com outros autores do gênero — *Comportamento autodestrutivo? Não, não sei do que se trata* — do que efetivamente por gostar.

Deixou de ser divertido. Passou a ser um fardo. Há séculos não sei o que é ler um livro apenas porque eu gosto de ler.

Por isso, acordei no dia seguinte disposta a procurar um sebo. Não quero pedir nada no meu Kindle. Quero a sensação de alisar lombadas, caçar livros usados com dedicatórias ou até comprar um sem saber nada sobre a história e ter um *blind date*.

A ideia me deixou mais empolgada do que eu imaginava. Vesti um suéter de tricô grosso, minissaia e meia-calça preta e prendi uma parte das ondas rebeldes do meu cabelo com um *hairclip*, deixando fios soltos na frente do rosto.

Na minha sacola, estavam alguns livros toscos que eu deixava na estante apenas de enfeite. Disposta a trocá-los por algo que realmente chamasse a minha atenção, eu praticamente engoli o *latte machiatto* — a cápsula de café de hoje —, chequei as redes sociais e me atirei em direção à porta.

Não esperava encontrar o meu marido antes de sair.

— Estou — respondo, desviando o olhar. — Quer alguma coisa da rua?

Um poste? Asfalto?

William meneia a cabeça. Volto a encarar seus olhos circulados de roxo por baixo dos óculos e seu rosto mais pálido do que o normal.

— Só… preciso dormir um pouco.

Ele passa por mim e entra no apartamento. Se me desse mais alguns minutos eu perguntaria se está tudo certo com o projeto. O bendito projeto do jogo que ele e a equipe desenvolveram e que é a razão de eu ainda não ter contado que vou pedir o divórcio. Sei o quanto ele trabalhou por isso e o quanto é importante para ele, então não quero que nada atrapalhe.

Posso esperar.

Desço de elevador até o estacionamento e praticamente corro até o meu SUV parado ao lado do Sedan de William. Dou uma risada. Somos diferentes em tudo, mesmo.

— O círculo e o quadrado… — murmuro, antes de ligar o rádio.

Na última conversa que tive com minha mãe pelo telefone eu usei essa analogia. Disse que eu e William parecíamos aqueles brinquedos geométricos infantis. Toda vez que tentávamos nos entender era como

encaixar o círculo no espaço do quadrado: as leis da natureza nunca permitiriam que desse certo.

Em resposta, minha mãe disse que precisava desligar porque uma lhama estava chegando perto demais de onde ela estava. Se tivesse prestado atenção no que eu disse, ela me daria outro sermão sobre relaxar e deixar a vida mais leve. É o lema dela e do meu pai.

O indie rock começa a tocar e eu troco a marcha, saindo do prédio. Percorro as ruas com a janela aberta procurando o sebo que vi outro dia. Procuro com cuidado, porque é basicamente uma portinha, posso passar despercebida.

A música fica boa demais em um trecho, e eu começo a cantar alto, com a cabeça apoiada no encosto e praticamente gritando a letra, como aquelas garotas com ódio do mundo em filmes de *romcom* adolescente. Noventa por cento da minha personalidade se resume a romantizar a minha vida.

Me viro assim que ouço uma risada.

Reviro os olhos e fecho o vidro, assumindo uma expressão carrancuda, mas não sem antes ver o motorista parado ao meu lado sorrindo para mim. E é aquele sorriso tendencioso.

Eu sou casada, idiota.

Pelo menos, *ainda*.

Sempre odiei flertes assim, superficiais, como se estar viva e parada ao lado de alguém significasse estar disponível. Como se eu acreditasse em amor à primeira vista. Como se pudesse dar uma chance sem me conectar com a alma da pessoa antes. Minha reação sempre foi a mesma, e minha mãe sempre disse que eu morreria solteira por isso.

Parando para pensar, nem lembro como Liam conseguiu se aproximar.

O semáforo abre e eu piso firme no acelerador, cortando o motorista-babaca para fazer um retorno. Ele derrapa, pressiona a buzina por longos

cinco segundos, e eu pisco pelo retrovisor.

— Tchauzinho, idiota.

Desacelero, avistando mais à frente o sebo que estava procurando. É um lugarzinho estreito e bastante vertical, espremido entre uma fruteira-mercadinho e uma oficina de chaveiro. Estaciono na rua ao lado, pego a sacola e caminho em direção à entrada, onde um senhor calvo e com o rosto vermelho está sentado, quase caindo no sono.

— Fique à vontade. — Ele sorri assim que me vê, esfregando um dos olhos. Retribuo o sorriso.

Entro no lugar e respiro o simples cheiro de *papel velho*. Ninguém mais entenderia o quanto isso é bom, a não ser que também ame livros. Os corredores são apertados e os títulos estão em ordem nenhuma de tamanho, gênero ou data. E eu amo isso. Sou complexa o bastante para ficar ansiosa com casas coloridas, preferindo cores neutras e, ao mesmo tempo, me sentir bem com a completa bagunça de um sebo ou de papéis enquanto estou criando uma história.

Não me admira que William não me entenda. Nem eu entendo como a minha cabeça funciona.

Sento sobre os tornozelos e inclino o pescoço para o lado, olhando cada título nas lombadas. Pego uma edição antiga de Razão e Sensibilidade e encontro uma dedicatória na primeira página:

"Para minha filhinha Clarissa, pelo seu décimo oitavo aniversário. Espero que este livro tão desejado a faça sorrir. De seu pai, Osvaldo. Treze de outubro de 1978."

— Será que você sorriu, hein, Clarissa?

Será que ela doou esse livro porque ficou chateada com Osvaldo? Rebeldia de adolescência, talvez? Ou ficou com o exemplar até sua morte e quando sua biblioteca particular foi vendida ele veio parar aqui?

Sorrio com as possibilidades e coloco o livro no colo. Passo para o outro corredor e encontro um livro mais recente. Folheio os primeiros capítulos e gosto da premissa. Me parece um livro sobre uma garota confusa de quase trinta e eu, como uma garota confusa de quase trinta, preciso ler sobre garotas confusas de quase trinta de vez em quando para saber que não sou a única.

Me assusta saber que daqui a quatro anos estarei procurando por garotas confusas de trinta e poucos.

Coloco o livro junto ao da Austen e encontro o reizinho da ficção científica me encarando. Liam adorava Isaac Asimov quando estávamos na faculdade. Pego o título no impulso e então penso que não sei mais se ele gosta desse tipo de livro. Nem sei se ele ainda lê.

Caramba, eu moro mesmo com ele?

Devolvo *O fim da eternidade* para a estante e o livro ao lado fica saliente. Retiro ele por curiosidade. A capa de couro não tem nenhum título e ele não é tão espesso, mais parece um caderninho.

— Acho que você vai ser o livro do *blind date* — digo. Mas não consigo resistir por muito tempo. Ele parece tão pequeno. Será que consegue contar uma boa história? Apoio os demais livros escolhidos na prateleira e abro o livreto na primeira página. A folha amarelada está totalmente em branco, a não ser por um pequeno círculo bem no centro.

Sem título.

Sem ficha catalográfica.

Sem informações.

Viro mais uma página, apenas para me certificar que é mesmo um livro. Aperto os olhos algumas vezes e as palavras parecem surgir lentamente, como se estivessem sendo escritas.

Olho para os lados, pensando se o *macchiato* de hoje tinha algum pó diferente e quando volto os olhos ao livreto a página está totalmente preenchida. Leio a primeira frase.

“É normal se sentir sempre um passageiro?”

Soa familiar. Franzo o cenho. Me apoio de costas na estante e continuo lendo.

“Às vezes eu sinto como se estivesse fora da realidade, apenas observando. Experimentando coisas e sensações e enjoando delas. Seguindo para a próxima aventura. É solitário e libertador. O primeiro dia…”

— O primeiro dia na universidade me faz ter a mesma sensação — repito em voz alta, enquanto leio as exatas palavras que estavam na minha mente no meu primeiro dia de aula, em 2016.

Levanto a cabeça, imaginando que loucura aconteceu e por que estou em um sebo onde há um livro que conta exatamente a minha história, sete anos atrás.

Mas não estou mais no sebo.

E meus pés não tocam o chão.

CINCO

Criamos algumas memórias.
É, nós temos um pouco de história.
(Dancing - Elevation Worship)

Maio, 2016.

É normal se sentir sempre um passageiro?

Às vezes, eu sinto como se estivesse fora da realidade, apenas observando. Experimentando coisas e sensações e enjoando delas. Seguindo para a próxima aventura. É solitário e libertador. O primeiro dia na universidade me faz ter a mesma sensação.

Devo ser uma das poucas pessoas que ama dizer adeus. Minha vida teve muitas despedidas, e eu gosto do fato de que isso dá a você a chance de começar de novo, em um novo lugar e com novas pessoas que não se lembram das vergonhas que você passou. Só para saber, seu cérebro não vai esquecê-las, e vai te notificar durante os próximos cinquenta anos enquanto você tenta dormir.

Meus pais nunca fixaram residência. Minhas memórias mais antigas são de andar por aí pedindo carona com uma mochila maior do que eu nas costas. Alba e Eisner amam viajar e conhecer novos lugares. Quando

perguntam a eles de que cidade são, eles respondem que são cidadãos do universo e que onde seus pés puderem levá-los, é de lá que eles são.

É um discurso idiota, eu sei, mas achava incrível quando era criança.

Não posso dizer que a culpa é totalmente deles, mas meus pais são a principal razão pela qual eu nunca me apeguei a nada e a ninguém. Não tenho “amigos de infância” ou “a vizinhança onde cresci”. Nunca me senti presa ou pertencente a nenhum lugar ou pessoa.

Nunca foi difícil largar tudo. Nunca senti saudades.

Gosto da ideia de ser uma passageira. Observando tudo e morando dentro da minha cabeça. Eu já cheguei na vida de muitas pessoas, mas nenhuma me pediu para ficar. E, sinceramente, isso me faz sentir livre de estar amarrada a qualquer uma delas.

Eu espero continuar assim depois de hoje.

Há algum tempo, viajar por lugares comuns não me satisfazia mais. Eu queria viajar para lugares impossíveis. Lugares onde existiam dragões e magia, elfos e animais falantes. Lugares onde eu poderia ser melhor do que jamais fui.

Não, eu não estava louca.

Eu tinha me tornado leitora.

Começou no último mochilão que fizemos. Fomos parar em uma cidade no interior do México onde havia muitas bibliotecas porque uma escritora famosa morava lá e investia na leitura. Papai parou em uma delas para pedir informações e, como o espanhol dele estava enferrujado, a conversa demorou bem mais que alguns minutos. Tempo suficiente para que eu ficasse entediada, começasse a folhear algumas páginas e me envolvesse com uma história fantástica.

Foi o meu fim.

Ou o meu começo?

Meus pais dizem que sou intensa demais. Que não sei amar pouco. Que não consigo me envolver só até certo ponto. Comecei a ler o máximo que podia e, depois, eu quis saber de tudo que envolvia livros. Não só as histórias, mas o que se passava na cabeça do escritor quando criou aquilo. E como era possível que gente que nem me conhecia escrevesse coisas tão pessoais para mim.

Como era possível alguém de outro país ou outro século contar a minha história?

Comecei a acreditar que todo livro tinha um pouco de magia e eu queria… Céus, como eu queria aquilo. A coisa mais óbvia que poderia fazer pelo meu sonho era tentar vestibular para o curso de Letras. Minha mãe sempre levou a sério — talvez seja a única coisa que levou a sério na minha criação — o *homeschooling*, então conseguir a vaga foi mais fácil do que eu pensei que seria.

Mas a parte difícil vem agora. Depois de dezenove anos vivendo com dois andarilhos malucos, um tanto hipsters e que me amam mais do que tudo, eu preciso aprender a criar raízes. A ficar em uma cidade. A ver as mesmas pessoas durante quatro anos e a não ter aulas com música dos anos 80 ao fundo, como no *homeschooling*.

— Ah, porcaria…

— Falou comigo? — A menina ao meu lado tem o cabelo azul. Ela tira um dos fones e me encara, com uma das sobrancelhas levantadas.

— Não… — respondo, na defensiva.

Mas que droga foi essa? Por que eu estou em 2016, no ônibus circular da universidade, ouvindo os meus pensamentos como se a minha vida estivesse sendo narrada em primeira pessoa?

Coloco a mão nos olhos e esfrego, antes que o ônibus dê uma freada brusca e eu bata a cabeça na poltrona da frente.

— Que isso? O nôitibus? — reclamo, levantando a cabeça e reconhecendo a minha parada. Uma força me impele a pegar a mochila e descer. Salto do ônibus e começo a andar.

Sei que viajei no tempo porque a universidade está exatamente como da primeira vez. Pouco antes da formatura, ela passou por várias reformas e eu notei que tinham derrubado a árvore de folhas rosas que ficava bem na entrada.

A árvore está aqui.

— Ok — respiro, enquanto caminho em direção a minha sala de aula. — Eu já devo ter visto filmes sobre viagem no tempo. Quais são as regras mesmo?

Um: Não encontrar comigo mesma.

Isso vai ser fácil. Não acho que tenham duas de mim porque estou no meu corpo, com meu jeans velho e meu all-star rabiscado de 2016.

Dois: Não apostar na loteria.

Eu já sou rica. *Muahahaha.* Quer dizer, mais ou menos.

Três: Não mudar eventos canônicos.

Espera. Será que eu posso mudar o futuro se fizer algo aqui? A minha viagem no tempo funciona com efeito borboleta ou as mudanças vão criar uma ramificação da realidade?

— Ai que droga, Maeve, que droga, que droga! — Abafo meu grito em uma das paredes do corredor e depois me viro, encostada nela para tentar recuperar minha sanidade.

É então que eu o vejo.

Andando sozinho. Com *headphones* e uma camisa desbotada do Batman. Óculos quase caindo da ponta do nariz enquanto ele olha para frente, com as pálpebras pesadas quase fechando seus olhos, e o cabelo liso formando pequenas ondinhas porque está grande demais.

William.

Faço as contas mentalmente e percebo que só vou conhecê-lo daqui a dois anos. Sinto um aperto no peito. *Ele é tão familiar.* De repente, um pensamento intruso surge em minha mente. *Preciso saber se tenho como alterar o futuro, se posso adiantar as coisas.* Ou talvez eu queira uma desculpa para encontrar a versão do Liam que eu ainda amava, porque sinto uma *maldita* saudade dela.

— Ei! — grito, mas ele está de fones e não ouve. — William! — digo mais alto, correndo na direção dele e estou perto, mirando a etiqueta da camisa do Batman que está presa ao colarinho e prestes a alcançá-lo quando o cheiro de papel velho retorna, e um par de olhos cansados me encara, inquisitivo.

— Você deveria dormir em casa, mocinha, não no meu bangalô.

Droga.

Estou de volta ao sebo.

SEIS

É realmente heroico se quebrar de propósito?
(Treason - Gable Price and Friends)

— Vou levar esses três.

Pigarreio para que o senhorzinho não perceba a minha voz trêmula. Ele recebe os livros da minha mão com uma expressão divertida.

— Pagamento?

— Oi?

— Como a moça vai pagar?

— Débito — respondo rapidamente, engolindo em seco. Ele folheia os livros antes de registrá-los. Para no caderninho, e me olha por cima dos óculos. Espero que ele não diga que não está à venda.

— A moça é fluente em grego?

— Eu?

— Está levando um livro inteiro em grego — ele vira a página em minha direção e eu não consigo prestar atenção. — Algumas pessoas pegam por engano.

— *Kalispera* — respondo com um sorriso, tentando fazer a única palavra que conheço em grego soar como um “claro” embora eu tenha uma forte suspeita que significa “boa noite”.

Ele dá uma risadinha.

— Volte sempre — diz, recolhendo a máquina e me estendendo uma sacola.

Eu agradeço e ando cambaleante em direção ao meu carro. Entro e me apoio no volante para respirar. Checo a tela do celular e percebo que não demorei mais do que dez minutos, e mesmo assim estive em um lugar há sete anos.

Aproveito que estou com o celular na mão e disco para o meu número de emergência, e ele atende depois de dois toques.

— Preciso de você.

***

Estou na penúltima unha a ser roída quando o interfone toca. Já é quase hora do almoço. Libero a entrada e em seguida ouço a campainha do apartamento tocar.

— Eu espero que você tenha um bom motivo para…

— Fred! — Eu o puxo pelo braço e fecho a porta. Coloco-o sentado em um dos bancos da cozinha e faço sinal para que ele fique lá. Ele me encara com uma expressão preocupada. — Eu preciso te contar uma coisa.

— Você está grávida?

— O quê? Não!

— Ah, que alívio. Eu tenho pavor de trocar fraldas.

— Fred, presta atenção…

— Escuta, você não acha que essa casa anda muito sem cor? Eu poderia te arranjar uns quadros.

— Fred, eu viajei no tempo.

Sua boca se abre um pouco, e então ele a fecha novamente. Pisca algumas vezes na minha direção.

— Eu fui a um sebo hoje. Porque você me disse ontem para voltar a ser quem eu era, né? E eu era uma rata de sebos. Daí eu encontrei um caderninho que me fez voltar para 2016 e trouxe ele para casa, mas não sei o que fazer agora, porque…

— Quando você me disse que ia escrever uma história nova, não imaginava que fosse baixa fantasia. Mas pode dar certo, sabia? Eu estava pesquisando…

— Não é história de livro, idiota. — Pego o caderninho da sacola e coloco diante dele. — Aqui. Se eu começar a ler o que está escrito aí eu volto para o meu primeiro dia na universidade. Não é uma loucura?

Eu aponto para que ele veja por si mesmo e Fred desvia os olhos, desconfiado, para o pequeno livro. Espero ansiosamente para que ele diga alguma coisa, mas ele passa pelas páginas e então se levanta, me puxando pelo braço.

— Vamos.

— Para onde?

— Ao psiquiatra. Já queria te levar há tempos, pelo menos agora tenho um motivo concreto.

— O quê? Mas você…

— Você nem fala árabe, Maeve. O livro está todo em... — ele não termina a frase — Era uma pegadinha pelo que eu fiz ontem? Ótimo, você está começando a me assustar.

— Não… — Começo a me desesperar. — É sério! Por que… Por que você não acredita em mim?

Fred me encara. Seu peito sobe e desce. Ele coloca as mãos nas cintura.

— *Santa sociedade do unicórnio alado*… Eu vou ser cancelado. É isso. Já estou vendo a notícia: “Escritora trabalha até enlouquecer por causa do seu editor desumano”. E ainda vão pegar a minha pior foto para mostrar na

TV, tipo aquelas que minha mãe posta no Facebook com a legenda “meu bebê”. É o meu fim. Acabou. *Game over*. *Hasta la vista.*

Reviro os olhos.

— Maeve, você não pode fazer isso comigo — ele segura a minha mão, usando um tom suplicante. — Você não… Eu já tenho *vinte e sete anos*. Não tenho dinheiro. Não tenho perspectivas. Eu já sou um peso para os meus pais…

— Espera, você está usando o discurso da Charlotte Lucas?

— Ah, droga, esqueci que você é fã de Orgulho e Preconceito.

— Chega! Ok, você não quer acreditar, tudo bem. Não esperava muito de um cérebro de minhoca como você.

— Ah, graças aos céus, pelo menos suas faculdades mentais estão intactas, você ainda me reconhece. — Ele sorri, emocionado, segurando meu rosto e eu dou um tapa em seu braço. — Agora me diz que foi tudo uma pegadinha, sua cobra vingativa.

— Foi sim — respondo, dando um sorriso amarelo. Fred respira aliviado. Já vi que não tem jeito de explicar isso sem parecer maluca.

— Está… Tudo bem por aqui? — Liam sai do quarto com os olhos inchados e a confusão no rosto.

— Sinto muito pelo barulho que fizemos, mas a sua esposa…

Balanço a cabeça negativamente e Fred para de falar, fingindo uma tosse.

William dá de ombros.

— Você não tirou a comida do congelador — ele se dirige a mim, com a voz sonolenta.

— Eu saí com pressa.

— Você nem precisava ter feito. Só poderia ter colocado para descongelar. Ou ter me avisado. Sabe quanto tempo faz que estou comendo

comida da rua?

Eu sei. Desde o início do projeto. Não fiz de propósito.

— É só preparar alguma coisa agora — digo, começando a ficar irritada. — Faço em dez minutos na Air Fryer.

— Você não dá a mínima mesmo — murmura baixinho.

— *William*.

Meu tom é grave. Ele olha para Fred e percebe que está me envergonhando na frente do meu melhor amigo. Podíamos deixar o show para outra hora, mas ele simplesmente não pensa antes de fazer as coisas.

— Eu.. Hã.. Já estava de saída — Fred caminha em direção à porta e eu o acompanho. Quero sentir raiva de William, mas no momento o que sinto é vontade de chorar.

— Sinto muito por isso — digo.

— Eu é que sinto, *sunshine* — Seu tom é terno e ele me puxa para um abraço antes de sair. — Se precisar de qualquer coisa, me ligue. Mesmo que seja só para me pregar uma peça de novo. Eu venho, se isso fizer você se sentir melhor.

Balanço a cabeça e fecho a porta, demorando alguns segundos antes de enfrentar o furacão chamado "William *em casa* e *acordado*". Caminho de volta para dentro e ele está de costas, com marcas do colchão pela pele, depois de ter dormido a manhã inteira. Sinto um aperto ao lembrar de vê-lo hoje, na universidade. De quando tudo era simples. De quando ainda não tínhamos arruinado tudo.

William se vira, com temperos na mão, e então eu paro de encarar. Ele tira um pacote de macarrão da despensa.

— Deixa que eu faço — digo.

— Não precisa mais — ele responde, seco.

— Então, vai para o inferno.

Pego o caderninho e o diário onde voltei a escrever.
E fujo de novo.

SETE

Dirijo sem rumo por um bom tempo.

Coloco uma música daquelas que transitam entre animada e melancólica. O meio termo. Elas conversam bem comigo.

Sou o meio termo de tudo.

Tenho traços mestiços, mas não sou retinta. Meu cabelo não é liso nem cacheado; é ondulado. Meu corpo não é magro e nem gordo.

As pessoas acham que o meio termo é bom. Sem extremos. Equilíbrio. Mas estar entre dois lados e não ser de nenhum faz com que você se sinta meio excluído.

Minha pele é clara demais para ser negra e escura demais para ser branca, isso de acordo com a última discussão da qual fui alvo nas bookredes, um lugar onde eu deveria ser reconhecida pelo meu *trabalho* e não por assuntos pessoais, mas acontece que muita gente nem considera meus livros como literatura de verdade pelo simples fato de ser nacional.

Ok, isso é outra conversa.

Nunca encontro cremes bons para a curvatura do meu cabelo, porque os de cachos o deixam pesado e os de liso o deixam cheio de frizz. E comprar calças é um pesadelo, porque o tamanho 40 aperta minhas coxas enquanto o 42 fica frouxo na cintura.

É como se o universo ignorasse a minha existência. Não fui feita para ele. E ele não foi feito para mim.

Isso dói pra caramba.

Em um dos poemas que escrevi, eu disse que eu era um daqueles grãos de poeira que vemos quando uma fresta de luz aparece. Você abre a janela e os vê flutuando. Não dá para ver de onde estão vindo ou para onde vão. Não dá para pegá-los na mão.

Eles estão ali, mas estão mesmo ali?

Encosto o carro em uma rua mal iluminada e pego o meu diário do banco do passageiro, deixando o caderninho da viagem no tempo de lado. Encontro o poema que acabei de lembrar e sorrio com a memória. Escrevi ele uns meses depois de entrar na faculdade e ele está incompleto porque Jojô gritou que o jantar estava pronto.

Jojô.

Na insanidade dos meus primeiros anos de curso, morar com a tia Josie era calmaria. Meus pais pediram a ela que me desse abrigo durante o período, já que eles jamais deixariam de perambular pelo mundo só para que eu me formasse. Eles eram liberais demais, então não tivemos “aquela” conversa sobre o que eu deveria ou não fazer agora que estava morando longe deles. Mas minha mãe me deu uma alerta sobre sua irmã:

“Cuidado com as conversas da Josie. Ela vai querer converter você.”

Tia Josie era crente. E eu cheguei na casa dela na defensiva achando que ela iria me contar a história do Carpinteiro de dois mil anos na primeira oportunidade, já que eu não sabia quase nada sobre ele. Mas ela não fez nada disso.

Ela fazia minha comida. Lavava minha roupa. Conversava sobre o meu dia e me dava conselhos sobre os estudos. E me oferecia colo quando eu sentia a solidão da vida adulta. Nós ficamos amigas e eu comecei a chamá-

la de Jojô, embora ela fingisse que preferia “querida tia Josie”. Era engraçado, e acabávamos rindo disso no final.

Jojô não precisou me dizer como o Carpinteiro era. Eu sabia como *ela* era. E se ela o imitava como dizia, eu podia imaginar que ele era alguém que valia a pena conhecer.

“Me leve à sua igreja hoje, Jojô”, eu disse, em um dos dias em que ela estava se arrumando. Era domingo.

Deixo o diário de lado e pego o caderno. Se por um milagre eu tive oportunidade de rever a minha vida, ao vivo e a cores, quero aproveitar isso. Não quero voltar no tempo por Liam e sim por mim. Quero me encontrar, porque antes de perdê-lo, acho que perdi a mim mesma.

Avanço um pouco as páginas até chegar ao que eu imagino ser a época do poema e logo a página começa a ser preenchida novamente.

É por esse dia que eu vou começar.

***

Março, 2017

— Que bom que vou ter companhia hoje — Jojô sorri.

Sorrio também, mas com muito mais emoção do que da primeira vez que me lembro. Senti falta disso. Senti falta dela.

Perdi tia Josie durante a pandemia. Se Liam não estivesse comigo, acho que eu não teria suportado. Vê-la de novo, diante de mim, faz a ferida esquecida voltar a doer. Sinto vontade de abraçá-la, mas lembro do que aconteceu quando tentei alterar o passado com William e resolvo me conter. Se conseguir ficar neste dia até o final com ela, já é mais do que suficiente.

— Eu preciso vestir alguma coisa… especial?

— Vista-se como se eu dissesse que vou te apresentar ao meu amigo mais importante — ela responde, terminando de fazer um coque com o

cabelo comprido. — Por mais que ele não ligue muito para como você está vestida, é uma forma de demonstrar que você se importa em agradá-lo.

Assinto com a cabeça e corro para o quarto. Coloco uma blusa branca com uma jardineira e os all star que uso para a faculdade. Em 2017, era minha combinação favorita.

— Vamos?

Jojô estende o braço e caminhamos juntas pelos próximos dois quarteirões até chegar à igreja. É entardecer de domingo. As ruas estão tranquilas e o som vindo do pequeno prédio de teto baixo nos alcança antes mesmo de chegarmos à porta.

— *Passeiô, irmã* — diz um homem, parado na porta. Está com a mesma roupa social de quando o vejo passar pela nossa rua e ele grita para Jojô a mesma saudação, mas dessa vez ele usa sapatos em vez de chinelos.

— Nunca entendo o que ele diz —murmuro.

— Ele disse “a paz do Senhor”.

— E o que isso significa?

Ela me encara. Existe uma doçura nos seus olhos que contrasta com a confusão dos meus.

— Que o lado de fora pode ser instável e tempestuoso, mas você terá calmaria aqui dentro — ela aponta para o meu coração — se aceitar a paz que só o Senhor pode proporcionar.

Dou de ombros.

Seguimos para a fileira de cadeiras de plástico e Jojô me puxa para um lugar estratégico, debaixo do ventilador. Logo as pessoas se levantam e um homem que usa terno embora estejamos em uma mini sauna diz a mesma coisa que o rapaz da porta.

Ele chama uma pessoa para ir lá na frente, que recita um número e então começa a cantar.

— O que é esse número?

— O nome da música.

— Existe música com nome de número? Que falta de criatividade.

Jojô dá um risinho. Divide a Bíblia comigo e consigo acompanhar a letra com o som desafinado da voz do cantor ao fundo.

Da linda pátria estou bem longe
Cansado estou
Eu tenho de Jesus saudade
Oh, quando é que eu vou?

Não sei o que isso significa.

Não sinto saudades de nenhuma das pessoas que passaram pela minha vida, em todos os lugares por onde andei. Como sentiria de alguém que nunca vi?

Resolvo não comentar nada com Jojô e não consigo prestar muita atenção às demais coisas que são ditas. Acho que a parte em que não consigo alterar o passado tem algum efeito sobre isso. Ou talvez eu tenha vivido emoções demais para um único dia.

Consigo me concentrar apenas em um dos momentos finais, em que o homem pergunta se alguém quer entregar a vida a Cristo, e algumas pessoas vão até à frente. Jojô segura a minha mão e fecha os olhos por alguns instantes, me oferecendo um sorriso logo em seguida.

O culto termina e ela me compra um sorvete na saída, enquanto caminhamos de volta para casa. Não pergunta nada, nem me pressiona a voltar lá um dia. Ela ficaria triste em saber que nunca voltei mesmo.

— Tenha uma boa noite, querida — ela diz, depois que chegamos em casa. — Amanhã você começa uma nova semana, então descanse.

Ignoro as recomendações de viajantes do tempo e a abraço uma última vez, tentando não demonstrar o quanto isso é doloroso e aproveitando a chance de dizer a ela o que nunca disse.

— Jojô, obrigada por tudo. De verdade.

Não consigo dizer mais nada. Só a aperto bem forte, e ela brinca com uma mecha do meu cabelo.

— Não se esqueça que quando a paz do Senhor é oferecida, você precisa aceitar.

Essa frase não estava no meu passado.

E estou de volta ao assento do carro.

OITO

Eu preciso de alguma coisa para agarrar, então
Jesus Cristo, você poderia apenas me segurar bem firme?
(Hold me steady - Gable Price and Friends)

Estou destruída quando atravesso a porta do meu apartamento.

Tiro os sapatos, desejando muito que William esteja dormindo porque não tenho a mínima energia para interagir com ele depois de hoje. Por isso, passei o resto do dia dirigindo por aí até a noite chegar.

Me aproximo do balcão da cozinha e destampo uma das vasilhas sobre a mesa. É o que sobrou do almoço. Percebo que não comi nada o dia inteiro e resolvo me atirar no macarrão com almôndegas de Liam.

Não passo da segunda garfada e começo a chorar.

O problema de ser intensa demais é que pequenas alegrias podem te deixar radiante, enquanto as dores parecem criar um abismo dentro de você que contorce o seu peito como se você estivesse sendo quebrado de dentro para fora. Minha cabeça não lida muito bem com pequenas mudanças de rotina, e ser jogada no meu passado cheio de arrependimentos não é a melhor coisa que poderia acontecer a ela.

Continuo comendo mesmo chorando, porque não sou dessas, cuja tristeza tira o apetite, até ouvir a voz do meu marido atrás de mim.

— Você está bem?

Me viro para encará-lo com macarrão na boca e olhos inchados.

— Estou — respondo, sugando o resto do macarrão.

Liam assente de leve. Se senta ao meu lado. Fico surpresa por estarmos juntos por mais de três minutos e ninguém mandar o outro se ferrar. Resolvo aproveitar a trégua.

— Deu tudo certo com o projeto?

Ele se espreguiça depois de um bocejo.

— Elara achou um bug em uma classe de NPCs. Executando uma série de comandos específicos, eles começavam a atrapalhar o jogador. É uma chance em um milhão de acontecer, mas você sabe que tem que ser perfeito, senão…

Ele para, subitamente.

— Continua.

William pisca algumas vezes, me encarando. E me dou conta que estou fazendo besteira. Não posso passar a mensagem errada, de que está tudo bem, se os papéis do divórcio estão na minha gaveta. Isso é injusto.

Tréguas são ótimas, e não é a primeira vez que elas acontecem. Liam está sendo legal porque me viu chorando, mas isso não muda o fato de que foi um idiota hoje de manhã. E na semana passada. E nos últimos meses.

Não posso baixar a guarda. Eu já tomei a minha decisão.

— É só que…

— Tudo bem — eu o interrompo. — Você deve estar cansado. E agora vai ter mais trabalho. Pode ir dormir, eu guardo tudo.

Levanto, depois de enfiar a última garfada na boca e começo a lavar a louça. Sinto William se aproximar, encostando o quadril na pia. Ele me encara de lado.

— Você não vem dormir?

— Estou trabalhando em uma história nova. Vou ficar no escritório um pouquinho.

Fred não contou a ele sobre a licença, certo? Certo. Ok. Morda a isca. Vai.

— Achei que fosse o primeiro a ouvir suas histórias.

Seu tom magoado faz minhas mãos afrouxarem, e o garfo tilinta no fundo da pia.

— É que eu…

— Boa noite, Maeve.

NOVE

Me perguntam como tenho estado
Bem… Honestamente? Estou quebrado
(Glued to you - Riders)

Virei a noite no escritório tentando esquematizar tudo que sei até agora sobre o incidente da viagem no tempo, que chamei, carinhosamente, de "Efeito Círculo". Primeiro, por causa do círculo na capa do caderninho. Depois, porque ele repete eventos do meu passado. E, por último, porque sempre quis dar nome a um acontecimento estranho, acho demais.

A caneta bate com um clique na mesa assim que termino de escrever e ergo minha lista. Até que cheguei a conclusões bem úteis. Stark e McFly ficariam orgulhosos:

1 - O caderninho é o ponto de viagem.

Ok, esse era meio óbvio. Mas isso me leva a outras conclusões não tão óbvias, então precisei colocar em ordem.

2 - O caderninho não funciona para qualquer pessoa e, sem a magia, assume um idioma diferente, dependendo de quem o recebe.

Isso explica o senhorzinho do sebo achar que ele estava em grego, e Fred em árabe. Meu editor tem essa ascendência; talvez esteja associado à árvore genealógica.

Mas isso é outra hipótese. Não me interessa agora.

3 - Eu viajo exatamente para o momento que o caderninho está narrando.

O que significa que, se eu não quiser reviver um dia muito, muito ruim, preciso ter cuidado com as datas. E é aqui que meu diário pode ajudar. Se eu tentar sincronizar o meu registro com as datas do caderninho posso controlar exatamente para onde vou.

Obrigada, Maeve do passado.

4 - O tempo não passa como aqui.

Durante minha viagem ao passado, o tempo esteve pausado no meu presente. *Ou seria futuro? Estou começando a ficar confusa.* Acredito que se ficar por dias no passado, voltarei ao mesmo ponto do futuro onde parti, então não perco nada aqui, nem estou em duplicidade lá.

É melhor do que eu imaginava.

5 (e o mais importante de todos) - Não posso alterar o passado.

As viagens são mais como um passeio pelo museu da minha mente, onde posso reviver tudo, incluindo os sentimentos e emoções, e onde o que já aconteceu vai me empurrar para o que eu devo dizer/fazer. Isso explica por que eu desci do ônibus no primeiro dia na parada certa *E* explica por que sou jogada de volta assim que tento fazer o mínimo de alterações.

É tipo o segurança do museu, dizendo: "ei, mocinha, tire suas mãos daí".

Pego o marca-texto amarelo e faço vários círculos em cima da única frase que escrevi abaixo de todas as minhas conclusões.

"O que fazer com isso?"

Stark precisava pegar as joias. McFly precisava mudar o futuro dos pais. Mas e eu? Se não posso mudar o futuro, e se pegar coisas do passado me jogaria de volta, do que adianta?

A hipótese circula minha mente, então decido fazer mais um experimento. Coloco o caderninho e meu diário lado a lado para escolher alguma data que seja legal reviver e onde eu possa recolher mais material observativo para as minhas próximas conclusões.

Nota mental: voltar a ler Agatha Christie. É muito útil.

Começo a folhear o diário passando pelos primeiros meses de faculdade, o primeiro trabalho em grupo (alerta de trauma), o primeiro aniversário na casa da Jojô (não quero ficar emocionalmente desestabilizada de novo, obrigada) e paro em uma folha arrancada no que parece ser a metade do ano de 2018.

Rasgos irregulares me deixam possessa, mas eu não cortei a folha com a régua, como faço desde criança. Eu arranquei com força. Sem dúvidas, eu deveria passar longe desse dia e procurar uma data mais segura.

Credo, até parece que sou cuidadosa.

É para esse dia que eu vou.

***

Junho, 2018

Estou andando.

Estou andando rápido.

Estou indo para a biblioteca.

Eu poderia dizer que o que me leva até lá é o amor pelos livros, mas, na verdade, eu só quero um pouco de silêncio. Fico chocada com a capacidade que as pessoas têm de serem *barulhentas*. No fim do dia, a voz delas parece ecoar na minha cabeça, como um bando de fantasmas no porão.

Nessas horas sinto falta do trailer.

Não era fácil, para mim e meus pais, encontrar um lugar para estacionar e passar a noite. Uma vez estávamos ao noroeste da Argentina e um tremor

horrível me fez acordar com o coração quase rasgando o peito. Eu não estava preparada para um terremoto. Mas eram apenas os moradores locais sacudindo nosso trailer para nos enxotar.

Desde então, escolhíamos os lugares mais isolados para ficar. O que significa que eu tinha silêncio. O que significa que eu não sou acostumada a muita gente falando alto, esbarrando umas nas outras o tempo todo e rindo de piadas nas quais eu não encontro a menor graça.

— Oi, quer vir à nossa célula hoje? — Uma garota sorridente aparece do nada me oferecendo um panfleto.

— Hã… Você é de biologia?

Ela dá uma gargalhada.

— Não. É outro tipo de célula. Se você quiser aparecer, é quarta às 18h do lado do antigo bloco de Ciências Sociais. Jesus ama você!

Ela grita a última frase antes de sair andando.

Viu só?

Barulhentas.

Continuo meu caminho em direção à biblioteca. Empurro a porta de vidro assim que chego ao prédio e respiro. Fora o bipe do registro dos livros e o som das páginas sendo viradas, há silêncio. *E eu respiro esse silêncio.* Ele entra pelas minhas narinas como oxigênio, percorre todo o meu corpo e sai pela minha boca como dióxido de carbono. Ele me abraça. Me diz: “Boa garota, Maeve, você sobreviveu ao caos que é a vida em sociedade, agora tire os sapatos apertados e descanse”.

Caminho para as seções e deixo minha mochila cair ao entrar em uma das fileiras. Inclino o pescoço procurando o que vou ler nesse tempinho que consegui entre a aula vaga e a hora do almoço. Meu pé esquerdo se arrasta até encontrar o direito e vou andando assim, como um siri dos livros.

Siri dos livros?

De onde saiu esse…

— Veio mais cedo hoje, Siri dos livros.

Ele está sorrindo. Não importa que eu só consiga ter sua visão de perfil. Não importa que ela esteja prejudicada por um amontado de fios marrom-escuro ondulados e cheios de frizz e por uma armação de óculos bastante grossa. Eu *sei* que ele está sorrindo porque o conheço bem.

Conheço Liam muito bem.

Eu e ele nos esbarrávamos de vez em quando na faculdade. Por sermos de cursos diferentes, era um tanto inusitado. Vínhamos à biblioteca quase sempre nos mesmos horários, e a gente trocava uma ou outra ideia, até que ele me apelidou de *Siri dos livros* por andar de lado enquanto procuro por um.

— Matou aula para ler?

— E você matou aula só para me ver?

Ele ergue as sobrancelhas e sorri, silenciosamente.

— Meu Deus, Maeve. Você é tão convencida.

Fito meu marido por alguns segundos. *Meu marido*. Isso é tão esquisito. Eu deveria lembrar que em junho de 2018 já éramos amigos. Mas como foi mesmo que nos conhecemos?

— Hum… O que você leu semana passada? — Liam se abaixa para pegar os livros salientes na minha mochila semiaberta. Empurra a ponte dos óculos que deslizaram quando ele abaixou. — Anne Morrow Lindbergh. Sylvia Plath. Já te disseram que você talvez precise de terapia?

— Devolve…

— Esse último aqui eu não conheço. "Maeve Silva Lee", intere…

Meu diário.

Avanço para tentar pegá-lo da mão dele, mas Liam estica o braço e começa a folhear as páginas no alto. Sussurro com raiva, porque não

podemos fazer barulho na biblioteca, mas ele continua a brincadeira até que eu tenho um impulso e consigo puxar a folha que ele estava prestes a ler, rasgando-a.

Liam para de sorrir.

— Você é ridículo — digo, me recompondo.

— Desculpe — ele responde e me devolve o diário parecendo arrependido. Seguro a folha rasgada na outra mão, um pouco sem jeito.

"Não posso gostar do William" era a frase escrita. Aperto com mais força, amassando o papel enquanto o silêncio paira entre nós.

— Asimov — Liam retira um dos itens da prateleira, por fim, e ergue o livro na minha direção como uma saudação de despedida. — Já achei o que estava procurando. E você, continue andando, Sirizinho — ele imita minha forma de procurar enquanto se dirige à saída. — Até encontrar algo interessante.

Eu encontrei, idiota.

Não sabia que já amava você em 2018.

E agora preciso me lembrar como nos conhecemos.

DEZ

Você está curando meu coração.
(Taste and see - John Mark Pantana)

Eu raramente preparo lámen com todos os ingredientes. Mas aqui está o macarrão, ovos, algas, barriga de porco, narutomaki e a cara mais desesperada que tenho para conseguir o que quero.

Liam me ensinou a fazer lámen do naruto em uma noite chuvosa, quando eu terminava de revisar o meu TCC e ele procurava referências para um projeto distante de desenvolver um game. O game que vai ser lançado daqui a algumas semanas.

Resolvemos dar uma pausa para comer porque nossos neurônios não funcionavam mais, e embora eu quisesse pedir algo no *ifood*, ele disse que eu precisava provar o prato do anime favorito dele, em um dos raros momentos pós-supermercado em que ele e o colega de quarto tinham todos os ingredientes em casa.

Engraçado que lembro de quase todos os dias sufocantes que passamos tentando ser alguma coisa na loucura que é a transição para a vida adulta, principalmente na universidade. E de como essa foi a melhor fase do nosso relacionamento, embora ainda fôssemos só amigos. Lembro como a gente podia passar três horas estudando ou trabalhando em completo silêncio, mas

o fato de um saber que o outro estava ali era suficiente para tornar os dias mais leves.

Só não consigo lembrar como nos conhecemos.

Já vasculhei minha mente e não encontrei nada. É como se não houvesse um começo. Liam sempre esteve ali. E em algum momento ele ainda não estava. Mas não consigo achar a ponte que liga os dois períodos. É frustrante. O diário não conta nada sobre isso, e não quero arriscar outra ida ao passado, porque não sei o que posso encontrar se procurar aleatoriamente e nem se tenho um limite de viagens.

Talvez seja melhor perguntar a ele.

E para isso eu preciso de lámen.

— Ah, eu nem vi você chegar — digo, assim que Liam aparece.

Ele coloca as chaves na bancada com um movimento lento. Congela por alguns segundos.

— Lámen — murmura.

— É — assinto. — Lámen do Naruto. Senti vontade.

Liam continua inerte.

— Lámen — ele repete.

— Não está envenenado, se é o que quer saber.

Liam fica quieto, assustado, e não consigo evitar rir. Então, sua expressão se suaviza lentamente. Seus ombros relaxam. Ele expira.

E também ri.

— Vem comer enquanto está quente. Você sabe como é gorduroso.

— Vou tomar um banho primeiro.

Assinto.

Começo a colocar os pratos na mesa, e logo Liam se senta em um dos bancos altos. O cabelo, mais curto que sua versão de 2018, pinga algumas gotículas na mesa. Isso me deixaria louca, e, em outra ocasião,

começaríamos a discutir. Mas não tenho tempo para implicar agora, preciso arranjar um jeito não tão estranho de saber se ele se lembra ou se nós dois temos memória seletiva.

Preciso ser sutil.

— William, você lembra como nos conhecemos?

Ele me olha de canto e ouço a alga crocante se quebrar enquanto ele mastiga.

— Não é nada importante, eu só…

— Suco de uva. Macarrão e suco de uva foram feitos para ficar juntos. Não importa se é spaghetti e vinho na Itália ou miojo com Tang no Brasil.

— O quê?

— Foi a primeira frase que você disse no dia que nos conhecemos.

Abro a boca em surpresa.

Ok, isso foi… Específico.

— É normal você não lembrar, acho que não foi um grande evento para você — ele diz, separando as cebolinhas do prato. Sempre esqueço de tirar. — Eu estava pedindo miojo de copo no Centro Acadêmico de Letras, porque o de Ciência da Computação estava sempre lotado. Tinha duas opções de suco e o atendente me perguntou o que eu queria. Você estava na fila e respondeu por mim, talvez para me apressar. Mas seu argumento era tão bom que eu não questionei. E daí em diante eu não deixei mais de prestar atenção em você.

Ele pega um pouco de macarrão, colocando o narutomaki em cima. Dá um sorrisinho.

— Eu sempre dava um jeito de te ver — ele faz aspas com os indicadores — "acidentalmente".

— Caramba, você tem quantos teras de memória nessa cabeça? — rio e desvio o olhar, sentindo a fumaça do lámen esquentar as minhas bochechas

e me sentindo a pior pessoa do mundo. Esperava uma resposta vaga. Na verdade, esperava mesmo que ele não respondesse e que pudesse colocar isso na coleção de motivos para a nossa separação.

— Quando se trata de você, eu me lembro de tudo, Maeve. Até do que eu queria esquecer.

Fico em silêncio por um tempo, processando sua última frase. Liam pigarreia, como ele sempre faz ao comer comida quente e percebo que isso não é tão irritante quanto parecia. Não quando há um elefante roxo com bolinhas amarelas no lugar.

— A propósito — ele diz, depois de beber o caldo virando o prato. — O evento de lançamento do World of Xangrim é no fim da semana. Sei que você odeia, mas Elara queria muito que você fosse. Ela vive perguntando de você.

— Eu vou — respondo, esperando que ceder alivie minha culpa.

— Obrigado.

Ele levanta e começa a lavar o próprio prato. Eu mal toquei no meu lámen. Não devia ter perguntado nada; não sabia que as coisas iam tomar esse rumo.

O celular dele começa a vibrar.

— Atende pra mim?

— Hã… — hesito. — Tá bem.

Checo o visor antes de aceitar a ligação. É o Raul, cunhado dele. E antes que eu diga “alô”, ele despeja um monte de informações de uma vez só. Liam se vira diante do meu silêncio. Murmuro um ok e desligo. Uma linha lentamente surge entre suas sobrancelhas.

— O que foi?

— Você fica calmo. E eu dirijo.

ONZE

Eu queria reparar todos os mal-entendidos
Os meus transtornos. Meus sumiços.
(Sonhadora - Daniela Araújo)

Desacelero lentamente quando o sinal fica vermelho. William sacode uma das pernas com tanta força que chacoalha todo o seu corpo. Embora eu tenha explicado calmamente que Yara está em um hospital seguro e que bebês prematuros crescem sem nada de errado na maioria dos casos, ele continua tenso.

Por dentro, estou tão nervosa quanto ele.

As mulheres na família do William têm um histórico de gravidez de risco. A mãe dele quase morreu no parto de Yara, e ele ficou tão assustado quando a irmã disse que estava esperando um bebê que eles brigaram feio.

Ela tomou todos os cuidados. Raul e Yara se mudaram para a cidade vizinha, mais tranquila, para que ela ficasse em repouso absoluto. Mesmo assim, Raul disse que ela teve um pico de pressão arterial ontem e precisou adiantar o parto por causa do quadro de pré-eclâmpsia.

— Você pode, por favor, desligar o rádio?

— É música clássica. Ajuda a acalmar.

— Não está funcionando.

Giro o botão para deixar o volume zerado. Troco a marcha do carro quando o sinal abre e sigo pela estrada que leva à cidade litorânea onde Yara está.

— Eles vão ficar bem, Will.

— Você não quis me dizer em quanto a pressão dela estava…

— Eu disse que o Raul falou tudo muito rápido e não me deu os detalhes.

William solta um suspiro, pressionando a cabeça contra o encosto do carro.

— E se eu perder eles, Mae?

— Você não vai.

— Mas e se…

— Ei, olha para mim — ordeno, antes de ligar a seta e checá-lo por um milissegundo. — Você leu Reino Quebrado, não leu?

— O quê?

— Reino Quebrado. O segundo da série.

— Eu li todos os seus livros — ele responde, com uma voz monótona. — Por que isso agora?

— Lembra do Aiden? O carinha de olhos laranja que podia determinar o futuro apenas ditando as próximas frases?

Ouço ele murmurar "hum" preguiçosamente.

— Sou a criadora daquele *maldito* universo. Estou pegando a sobra do pózinho mágico e jogando em você.

Estendo a mão sem rumo, sem tirar os olhos do para-brisa enquanto faço uma ultrapassagem. Ela aterrissa bruscamente entre a lente dos óculos e o nariz de Liam.

— Ai!

— Foi mal — rio.

Ele também sorri.

— Ótimo. Agora suas palavras vão ditar o que vai acontecer. É uma grande responsabilidade, não deixe subir à cabeça — instruo, e ele permanece em silêncio. — Vai, diz alguma coisa útil.

— Vai ficar tudo bem com a Yara.

— Bom menino. O que mais?

— O Noah vai nascer saudável e talvez precise de alguns cuidados, mas vai ficar bem.

— Aham.

Balanço a cabeça, desacelerando próximo à faixa de pedestres.

— E nós três vamos fazer tantos passeios juntos que as pessoas vão achar que ele é nosso.

Aperto demais o pedal e o carro estanca. Levanto os olhos para encontrar os de William. Alguma coisa se aloja na minha garganta e engulo em seco, tentando me livrar do aperto.

— Vou ligar a música de novo — anuncio.

Depois de quase duas horas dirigindo, resolvo parar em uma conveniência. Raul ligou há pouco dizendo que a cesárea de Yara começou. A informação deixou Liam mais aliviado, e ele pegou no sono. Mas já está acordando quando volto.

— Trouxe hambúrguer. — Jogo um pacote de hot pocket pela janela e dou a volta, entrando no carro.

— Hot pocket tem gosto de ferrugem.

— Não sabia que você já tinha experimentado ferrugem.

— Ha-ha. Suas piadas continuam sem graça.

— E você continua cheio de frescurinhas com comida.

— Não tenho frescurinhas com comida. Desde que seja *comida* de verdade.

Reviro os olhos.

— Pelo menos eu trouxe coquinha de vidro. Até ferrugem fica bom com coquinha na garrafa de vidro.

William dá uma risada bem sonora.

— O quê?

— Não sei onde nós dois estávamos todo esse tempo. Mas senti saudade.

Droga.

Droga. Droga de todas as formas possíveis. Em todas as camadas. De todas as cores e tamanhos.

— Você me disse que estava escrevendo um livro novo — Liam continua, mastigando o hambúrguer. — Sobre o que é?

— Hã… — hesito. — Viagem no tempo.

— Com efeito borboleta ou teoria do multiverso?

Dou um sorriso de canto, com as bochechas cheias.

— Mais complexo do que isso.

Terminamos de comer sem muita conversa, e William se oferece para dirigir pelo resto do caminho. Os pais dele ligaram para dizer que não conseguiram voo imediato e devem chegar só no fim da semana. Raul também ligou dizendo que Yara tinha descido para o quarto depois da cirurgia e que o bebê estava na UTI neonatal.

Coloquei o meu álbum de música favorito e aproveitei o resto da viagem naquele estado meio dormindo e meio acordada, vendo a paisagem mudar. Assim que chegamos à maternidade, Raul veio ao nosso encontro. Embora eu e Liam parecêssemos exaustos, o cara estava mil vezes mais acabado.

— Que bom que vocês chegaram — ele diz, nos dando um abraço rápido.

— Como eles estão?

— O susto já passou. Agora só precisamos que o Noah aguente firme.

— Ele vai — Liam diz com firmeza e então me lança um olhar rápido. — Não tenho dúvidas disso.

Ele sabe aproveitar o pózinho mágico de uma escritora.

Raul e Liam seguem para tentar ver o bebê na ala de incubadoras, enquanto eu procuro o quarto onde Yara está. Entro devagarinho e coloco um ursinho de amigurumi que comprei para dar de presente sob a mesinha de canto.

— Vocês chegaram.

— Parabéns, mamãe.

Ela estende a mão para que eu me aproxime. Parece inchada e sonolenta. E exausta, como todo mundo. Mas tenho certeza que ela lutou mais do que qualquer um de nós.

— Não me sinto mãe. Ainda nem vi o meu bebê.

— É claro que você é. Você está aqui, mas sua cabeça está lá com ele, preocupada. Isso é a coisa mais *mãe* que existe.

Yara ri.

— O meu irmãozinho deve ter ficado uma pilha. Ele não tem muita inteligência emocional. Obrigada por cuidar dele.

— Usei uma tática da pedagogia para acalmá-lo, acredita? — Yara dá uma risada. — Seu irmão é um criação.

— Achei que ele nunca fosse crescer. Até você aparecer.

Yara fica em silêncio alguns segundos. Parece meio grogue, provavelmente por causa da anestesia. Não sei se ela deveria estar falando tanto.

— William nunca teve muita ambição, entende? Só fez faculdade para ter um emprego comum que desse a ele uma desculpa para ficar recluso no

mundinho dos códigos e computadores. Mas aí, ele conheceu você.

Yara leva a mão com acesso venoso até o rosto, esfregando a testa.

— Ele sabia que você seria alguma coisa grande. Então ele quis ser grande também. Antes de você, Liam queria vender a ideia embrionária do game, mas, depois, ele disse que iria trabalhar no projeto e desenvolvê-lo do começo ao fim.

— Eu não sabia.

— É claro que não. Nem eu deveria te contar. Mas posso colocar a culpa da minha língua solta nos hormônios do puerpério.

Yara volta a fitar os olhos inchados em mim.

— Que o William te ama, você sabe. Mas acho que você não sabe o quanto ele te admira. Você é a heroína dele, Maeve. E eu tinha certeza que o fato dele ter ouvido aquilo de você não seria o suficiente para acabar com o que vocês dois têm.

— Aquilo?

— Ok, eu também já pensei que me arrependi de casar com o Raul. Todas nós já pensamos isso. Mas o William é tão sensível que no dia em que foi lá em casa, parecia que o mundo dele tinha acabado.

— *Yara*. Do que você tá falando?

Ela para no meio de uma frase, com a boca entreaberta. O silêncio é tão pesado que ouvimos os bipes da máquina do outro quarto.

— Falei demais, não é, cunhada? — ela dá um sorriso sem graça. — São os hormônios do puerpério.

DOZE

Mas nenhum sol se levanta.
E ninguém diz onde você errou.
(Waving through a window - Tori Kelly)

Faço o caminho pelo corredor até a máquina de café repassando mentalmente os últimos três anos. Não me lembro de ter dito a Liam — ao menos, não explicitamente — que me arrependia de ter dito sim. Mas é óbvio que já pensei nisso.

No começo da nossa crise, eu achava que era por não amá-lo. Mas nos últimos dias, com tudo que está acontecendo, acho que é por amá-lo demais.

Desde pequena, eu carrego comigo a certeza de que tudo é temporário. Os amigos, os lugares, as pessoas… Eu fui criada para não me prender a nada nem a ninguém. E não demorou muito para que eu começasse a achar isso uma ótima forma de viver.

Você tem certa liberdade quando está sempre de malas prontas. Perdi a conta das vezes em que eu e meus pais partimos de uma cidade porque o clima era quente demais, porque a comida era sem graça ou porque as pessoas eram cheias de frescura. Não somos obrigados a aguentar nada quando não temos raízes. Ter que ficar é assustador.

Querer ficar é aterrorizante.

Quando Will me pediu em casamento, esqueci disso. Uma fração de tempo. Um descuido. O que eu sentia por ele foi maior do que a minha ânsia por desprendimento. Mas quanto mais tempo passávamos juntos, mais ele me fazia querer ficar. Porque me soltar dele se parecia cada vez menos com desatar um nó e cada vez mais com amputar um membro.

E isso assusta.

— C*aramba*, ninguém te diz o quanto isso assusta.

— Você fala sozinha.

Há um ponto completamente *pink* perto da máquina de café. Ela está me encarando de cenho franzido e com uma pelúcia encardida esganada pelo pescoço.

— Eu não percebi que estava falando alto — sorrio, tentando não parecer maluca.

— É o que todos dizem — responde a garotinha, fazendo sinal com a mão para que eu saia da frente e ela chegue à máquina de batatinhas.

— O quê que assusta?

Dou uma risada.

— Você não entenderia.

— O que *me* assusta é que agora tenho uma irmã — ela começa, colocando uma nota e pegando um saquinho de Ruffles. — Todo mundo faz uma festa dizendo ser grande coisa, mas eu não acho. Ninguém me perguntou se eu queria isso. Mamãe diz que somos uma família maior agora, mas eu gostava mesmo era do jeito que era antes.

Ela caminha até um dos bancos acolchoados perto de onde estamos, senta-se e coloca a pelúcia sentada ao seu lado. Decido acompanhá-la.

— Sua vez.

— Eu tenho bloqueio emocional — confesso, com a certeza de que ela não faz ideia do que isso significa. Mas é divertido. Acho que nunca assumi em voz alta.

— Humm… — ela murmura, fazendo barulho com a crocância das batatas. — Já ouvi mamãe falar sobre isso. Ela fica no computador conversando com umas pessoas que falam e choram muito. Ela me deixa no quarto e diz para não bisbilhotar, mas às vezes as histórias são muito engraçadas, não consigo evitar.

Oh, céus. Encontrei uma miniterapeuta.

— E o que você me diz sobre o meu diagnóstico? — indago.

— Mamãe disse uma vez que pessoas com isso aí precisam encontrar uma co… Qual era mesmo a palavra? Eu não lembro. Mas ela disse que era como os barcos que fazem muitas viagens mas sempre encontram o lugar de estacionar.

— De ancorar? — rio.

— Que diferença faz?

— Barcos não estacionam, só carros.

— Agora a sessão já acabou — ela se levanta, batendo a mão cheia de sal na saia de babados antes de espalmá-la diante de mim. — São cinco mil e cento e seiscentos reais.

— Tudo isso?

— Ou outra batata daquela ali.

— Fechado.

Pago minha consulta e a pequena parece satisfeita. Logo depois, um homem grisalho aparece, preocupado e murmura "Helena vive fugindo de nós" antes de levá-la de volta. A garotinha me acena um tchau.

— Ei, Helena! — chamo.

Ela se vira um pouquinho, apertando a pelúcia. Levanto os dois polegares e sorrio.

— Você vai ser uma ótima irmã mais velha.

TREZE

Logo ao nascer
Somos frágeis, carentes
E antes de morrer
Somos tão vulneráveis
Porém, entre o início e o fim do viver
Nós fingimos
Nós fugimos
De nossa real condição
(Medalhas - Tiago Arrais)

— William, já está bom.

— Só um pouco mais baixo.

Yara revira os olhos.

— *William!*

— Só mais um pouquinho…

— Você não pode estressar a sua irmã — intervenho, presenciando a cena assim que atravesso a porta. Yara me agradece com o olhar. — Mesmo que nivelar a altura do colchão seja uma missão tão solene para você.

William parece magoado.

— Cadê o Raul?

— No telefone, lá fora — ela responde. — As coisas saem do controle no restaurante quando ele não está por perto. É o outro recém-nascido dele.

Telefone.

É isso. Eu me lembro de ter dito à mamãe que me arrependia do casamento, antes do primeiro ano, depois da primeira briga séria. *William ouviu*. E não me disse nada.

Aperto os olhos e suspiro.

— Ele deveria ir para casa — William continua, alheio à minha constatação. — Nós ficamos aqui com você.

— Ah, qual é, irmãozinho. Eu me viro sozinha. Sou mãe agora, ganhei superpoderes.

— Tipo a hiper-chatice.

— E vocês dois também têm mais o que fazer — Yara prossegue. — O lançamento do seu *game* não é no fim da semana? Já vi você ignorando umas quinze ligações.

— Não importa. Que tipo de irmão eu seria se não ficasse aqui com você e o Noah?

— Eu vou ficar — digo. — Raul vai para casa e você — me viro para Will — vai garantir que o Noah seja esnobe na escola porque o tio dele desenvolveu World of Xangrim. Bem… daqui a uns anos.

Yara ri.

— Mas eu queria ficar.

— Você vaaaai — ela contesta, a impaciência na voz. — Vocês se tornaram um só quando se casaram. Se ela fica, você fica também. Sem drama, irmãozinho.

William dá um sorrisinho.

Depois de Yara ter a mesma conversa com Raul, os dois decidem obedecer as cabeças mais sensatas e voltar para casa. Eu tinha deixado algumas mudas de roupa no carro para casos de emergência, então consigo passar alguns dias aqui até os pais dela chegarem.

Quando ficamos sozinhas, aproveitamos para pedir um cento de salgado com muitas bolinhas de queijo e minichurros. Deixo ela comer só alguns.

— Estava morta de saudades disso. Tentei evitar gorduras durante a gravidez.

— Deve ter sido difícil.

— E foi — ela diz, enquanto passa o catálogo da Netflix pela milésima vez sem escolher nada. — Mas nada pior do que as variações de humor. Eu não era *eu*.

— Acho que você nunca mais será.

Ela sorri de leve.

— Ah, tenho que te mostrar uma coisa. Estava fazendo backup da câmera para liberar memória para o *newborn* do Noah e achei um monte de fotos do casamento de vocês.

Ela pega o tablet de cima da bancada e começa a procurar. Enquanto isso, eu coloco algum k-drama aleatório legendado, porque acho o som de coreano estranhamente relaxante.

Nosso casamento foi tão excêntrico quanto a cerimônia de uma filha de *hippies* pode ser. Sem roupas extravagantes, bufês ou salões. Eu estava usando um vestidinho de alças e uma bota *off-white* e meu cabelo estava solto, exceto por alguns fios presos no alto. William vestia uma camiseta branca por dentro da calça marrom-claro e a maioria dos convidados usava vestidos leves ou bermuda.

Parecia uma reunião no quintal.

Era no quintal.

— Achei… Olha aqui.

Uma mesa comprida com cerca de vinte pessoas surge na tela, repleta de tortas, bolos e comida, feitas por cada uma delas. Um grande piquenique.

Penduramos algumas luzinhas amarelas e o sol do entardecer deixou o quintal da antiga casa de Raul e Yara um tanto pitoresco.

Em vez de contratarmos fotógrafos, demos aos convidados câmeras analógicas e pedimos que eles registrassem seus momentos favoritos. O que não deu muito certo, porque a maioria nunca passou pelo Pinterest ao menos uma vez na vida. Por causa disso, quase não temos registros do dia.

Exceto por Yara.

Ela nunca devolveu a câmera. E eu a perdoei porque, sendo a única com uma mínima noção de luz e enquadramento, ela salvou nosso quinze de maio. Minha cunhada continua deslizando pela tela do tablet, pelos momentos capturados, e eu só consigo sentir de novo todas as emoções conflitantes daquele dia. Eu estava feliz e com medo. Alegre e com vontade de correr.

Será que algum dia o coração deixa de ser assim tão bipolar?

Comprovando minha teoria de que o som de coreano é relaxante, Yara adormece algumas horas (e alguns choros, ela estava muito sensível) depois. Me esquivo até o sofá-cama do acompanhante e começo a remexer minha bolsa, procurando o caderninho.

Tenho pensado muito. Em tudo. E não sei mais o que quero fazer.

Preciso de mais uma viagem.

E precisa ser para *aquele* dia.

CATORZE

Minha chave na sua porta parece não funcionar mais
Como terminamos aqui?
(Easy to love you - Gable Price and Friends)

Abril, 2019

As pessoas nesse lugar são loucas.

Enquanto ando pelas passarelas de concreto da universidade, a sensação é que estou vivendo um apocalipse zumbi. Mas em vez de corpos em decomposição, as pessoas carregam uma energia estranha e frenética capaz de deixá-las completamente fora de si.

É o festival do encerramento do semestre.

Parece um tanto fora de época, porque as festas de fim de ano já passaram, mas universidades públicas têm um calendário maluco por conta das greves. Finalizar um semestre é um motivo de alegria tão grande quanto a formatura, considerando que cada dia é uma incerteza quando se trata da educação brasileira. Eu e Liam passamos esses seis meses enfurnados em casa, estudando, trabalhando, e tentando dar conta de tudo, e ele fez questão de enumerar cada uma dessas coisas para me obrigar a vir aqui.

Dois introvertidos em uma festa.

Eu acho que sei como isso vai terminar.

— Sempre na hora, Sirizinho.

William aparece uns quinze minutos depois que encontro um lugar para sentar. *Ao menos tem um lugar para sentar.* Estamos a uma distância considerável do palco onde o show vai acontecer e algumas pessoas andam de um lado para o outro enquanto a aglomeração ainda não ficou intensa o suficiente para impedi-los de se mexer.

— Você não me deu escolha — reclamo.

— É o nosso último ano aqui. Precisamos viver todas as experiências. Pensa pelo lado positivo, vai servir para construção de personagens.

Dou uma risada. Há alguns dias disse a ele que estava tentando escrever uma história porque um tal de Fred começou a me seguir nas redes sociais e perguntou se eu podia mandar uma proposta para a editora recém-criada dele. Não acho que meus livros sejam bons o suficiente para enviar a uma grande editora, então resolvi dar uma chance, não tenho nada a perder.

Liam é o único que acredita que tenho algo a *ganhar*.

Não percebemos as pessoas chegando e chegando, porque estamos distraídos demais com a conversa. Não é nada extravagante ou hiperfocado. Toda vez que eu e Liam conversamos, é como se nossas almas se comunicassem em um idioma próprio e o cérebro tirasse o dia para descansar. Não há esforço ou preocupação em dizer a coisa errada e não preciso analisar o seu comportamento como faço com os outros. Isso não me deixa exausta. Ele é o único que não esgota minha bateria social.

Quando percebemos, a multidão encheu nosso campo de visão. Os músicos saúdam o público e começam o solo de guitarra. Levantamos, mas mal conseguimos ver o show lá na frente, porque alguns estão de pé em bancos ou nos ombros dos amigos. A banda cover grita que somos tão jovens, e eu rio, porque não consigo *mesmo* acreditar nisso.

Maeve, a garota perdida da própria geração.

— Acho que já tenho material suficiente… — grito para Liam.

— O quê?

— Para os personagens! Já bati a minha cota.

Ele franze o cenho.

— Então vamos fugir!

— Não consegue me ouvir?

— Eu disse vamos fugir!

— Hã?

Ainda estou tentando entender o que ele diz quando William pega a minha mão e começa a me puxar para fora. Estamos indo na direção contrária do fluxo de pessoas e assim que o espaço se abre, começamos a correr. O som da música vai ficando mais distante e eu tenho certeza que meu cabelo triplicou de volume por causa do vento.

Ele olha para trás algumas vezes, e estamos rindo sem nem saber o porquê. Só continuamos correndo, sentindo o vento gelado da noite sem estrelas. Lembro do que escrevi no meu diário mais cedo — “Acho que estou apaixonada pelo Liam” — e deixo de lado todo o meu discurso bem montado e todos os muros que planejei construir para que isso não fosse adiante.

Coloco a mão no diafragma assim que paramos de correr.

— Eu tinha dito pra gente fugir — William ofega, se apoiando nos joelhos.

— É, eu percebi.

— Você odiou tudo aquilo, não é?

— Você também.

Ele ri. Inclina a cabeça para trás, puxando o ar. Estamos perto de uma orlinha e a brisa tranquila cria um ambiente de paz completamente oposto ao caos do festival. William volta os olhos para mim.

— Maeve.

— Quê?

— A gente podia casar.

Dou uma risada incrédula.

— Assim do nada?

— Você me disse que enjoa do mesmo lugar e das mesmas pessoas depois de um tempo, certo? Certo. Mas nós já somos amigos há um ano e passamos o dia todo juntos e você não enjoou de mim.

— Não enjoei *ainda* — brinco.

— Eu não quero perder você de vista depois da faculdade — ele se aproxima, parecendo mais sério. — E não quero te pedir em namoro, porque se você enjoar de mim depois, vai simplesmente terminar comigo. Eu quero que você prometa diante de todas as *cinco* pessoas que você gosta que vai ficar ao meu lado para sempre.

Cinco pessoas me tira uma risada sincera.

Acho que são no máximo quatro.

— Eu sei que nenhum nó pode te segurar. Mas não estou te prendendo, Maeve. Estou te atraindo. Como um campo de força. Como um cálculo de limite quando x tende a…

— Wow, wow… Sua garota não é de exatas, ok?

— É porque não está chovendo, não é? Roteirista! — ele grita em direção ao vazio. — Dá uma ajuda aqui, minha garota é leitora… E escritora… E…

Ele para, e fixa os olhos em mim.

— Minha garota?

— Sim — rio.

— Casa comigo, Maeve.

— Só se você usar uma analogia matemática que eu entenda.

William abre um sorriso largo e me abraça, fazendo meus pés flutuarem um pouquinho. Quando me põe no chão de novo, ele encaixa a cabeça no meu ombro e sussurra baixinho "somos como um círculo, Mae".

"Porque círculos são infinitos."

QUINZE

Eu tentei tornar as coisas melhores
Eu tentei juntar todas as peças
(Born with a broken heart - Unspoken)

— Oi? Alô?

Yara. Hospital. Noah.

Estou de volta.

— Ah, finalmente. Você estava muito perdida em algum lugar por aí, cunhada.

Não mudei nada no passado. Não disse nada diferente. Por que estou de volta? A magia acabou?

— Desculpe — murmuro para Yara. — Você precisa de alguma coisa?

— Que você vá para casa. Tomar um banho oficial e trocar de roupa. Tá com cheiro de mochila de adolescente.

Rio.

— Quando seus pais chegarem, eu vou.

Ela se dá por vencida.

Esse dia e o seguinte são mais tranquilos. Raul passa de manhã para ver como estamos e Will e os pais de Yara ligam duas ou três vezes por dia. Noah está reagindo bem e ficando mais forte e logo poderá ir para casa.

No fim da semana, meus sogros chegam e peço para Will vir me buscar, já que ele levou o meu carro. Temos uma mini reunião de família no corredor do hospital antes de irmos e Sara, a mãe dele, me faz prometer que vamos almoçar com eles. Concordo com o melhor sorriso que tenho, mesmo sabendo que ela vai me encher de perguntas inconvenientes, muito mais agora que o primeiro neto nasceu.

— Quer dirigir? — William pergunta, assim que chegamos ao estacionamento.

— Tudo bem. Pode ficar. Mas cadê o seu carro?

— Esqueci no trabalho.

— Esqueceu?

— Achei que tivesse ido de ônibus. Voltei para casa e deixei ele lá.

— Você nunca esquece nada. Estava com a cabeça cheia?

— Preocupado.

— Com Yara? Ou o jogo?

— Com você.

Um silêncio se instala. William gira a ignição.

— Chegar em casa e não encontrar você, foi… *estranho*.

Assinto em silêncio. Volto a pensar no divórcio e me parece que, de uma forma ou de outra, vou sentir dor. A dor de deixá-lo ir será apenas uma. Mas se eu escolher ficar, sentirei dor a cada briga, a cada vez que ele não estiver perto, a cada vez que ele me decepcionar.

Não parece uma conta tão difícil de fechar. Então por que ainda hesito?

Assim que chegamos em casa, pego o caderno e vou em direção ao escritório. Preciso saber se a magia acabou. Preciso ter certeza que não há mais como voltar no tempo e procurar mais respostas porque, definitivamente, o que tenho até agora não é suficiente.

— Você lembra que hoje a noite tem o lançamento, não é? — William grita da sala, enquanto desapareço no corredor.

— Estarei pronta na hora — respondo rapidamente e então bato a porta. Viro minha bolsa sobre a mesa, espalhando todos os pertences, e seguro o caderno. Minhas mãos tremem. Não me importo para qual lugar eu vou desde que tenha certeza que ainda tenho mais viagens.

Que ainda tenho mais tempo.

Meus olhos procuram avidamente por entender o que está escrito, mas os caracteres parecem confusos, não consigo me concentrar neles. As palavras não surgem mais e quando surgem, por algum motivo, não parecem compreensíveis para mim.

— Custava ser um pouquinho mais paciente, Efeito Círculo?

Bufo e abro a gaveta para jogar o caderninho lá. Esbarro com os papéis do divórcio. Refaço a pergunta que tenho feito todos esses dias desde que tive a chance de lembrar de como tudo começou, e por um lapso de tempo, que não sei quanto vai durar, sinto que sei porque as coisas estão assim.

Eu.

Sei.

William e eu nos casamos no fim da faculdade e enfrentamos muita coisa juntos. Nosso primeiro apartamento quase não tinha móveis e era tão vazio que nossas vozes ecoavam quando estávamos conversando e precisávamos falar baixinho. William começou a estagiar em uma empresa de games e eu alternava entre a escrita do livro que Fred financiaria enquanto ganhava alguns trocados com aula e revisão.

Nós mal conseguíamos nos manter. Tínhamos as dívidas do apartamento, trabalhávamos demais e fazíamos uma marmita durar de dois a três dias. Mas isso só durou algum tempo. Liam apresentou a proposta do

jogo e foi promovido a chefe do projeto. Meu livro viralizou no TikTok e eu me tornei best-seller.

E aí, tudo começou a desmoronar.

Enquanto nossa vida era uma droga, eu sabia o que estava errado e isso me dava a sensação de que todo o resto estava bem. Mas agora, nada parece ruim. E isso me deixa louca porque sinto que a qualquer momento algo vai acontecer. É sufocante. A cada dia, a cada maldito segundo do dia, estou tentando prever o que pode dar errado e me antecipar, e, por causa disso, acabo sabotando o momento que estou vivendo agora. Com medo que ele acabe, estou acabando com ele enquanto ainda nem aproveitei.

Mas o pior de tudo é que tenho consciência do que devo fazer. Sei que todas as desculpas que criei para culpá-lo pelo divórcio não funcionam. Sei que desistir de mim e de Liam é covardia. Sei que preciso superar a ideia de que ninguém fica na minha vida, porque William é diferente. Desde o começo, ele sempre quis ficar. Mas quando caio no espiral, não consigo ver as coisas claramente. Só quero acabar com tudo e correr de volta para um abrigo seguro e confortável.

— Mae… — Ele dá algumas batidinhas na porta. — Não podemos nos atrasar, ok?

Eu prometo que vou tentar de novo, Will.

Prometo que vou fazer a gente dar certo.

E vou conseguir isso sozinha.

DEZESSEIS

Quando tivermos nossas brigas
É por você que estarei lutando
(Lucky #17 - Gable Price and Friends)

— Você está bonita.

Encaro William, que mantém os olhos no trânsito. As luzes de natal já estão penduradas pela cidade e a praça na rua onde passamos está toda iluminada, deixando a visão que tenho dele um tanto etérea.

— Você também está, Will.

Levo uma das mãos ao cabelo dele, enchendo os dedos com os fios ondulados. Ele estremece ao toque. E eu tento disfarçar o quanto isso é estranho, considerando que o tenho evitado há meses.

Eu vou conseguir.

— Está nervoso?

— Muito óbvio?

— Se fosse o projeto da minha vida, eu também estaria.

— É, não é? — Ele expira devagar.

Fazemos o caminho até o salão do Hotel Ikaris, onde o evento acontecerá, em silêncio. O evento foi dividido em duas salas. Uma delas foi

feita para *gamers* e influenciadores e está cheia de objetos do universo, assim como estações para que eles experimentem o jogo.

A outra foi feita para investidores e empresários parceiros, e se parece mais com um evento formal. Há um palquinho mais adiante porque o discurso do presidente vai ser transmitido pelas redes sociais da empresa.

— Você pode me esperar? Volto logo.

Assinto e William segue para onde os preparativos da apresentação estão sendo realizados. Não há muitas pessoas na festa, porque chegamos mais cedo do que a maioria. Não conheço ninguém. Então me esquivo até um dos cantos, observando tudo, até uma voz familiar surgir minutos depois.

— Mae?

— Elara? Caramba, quanto tempo!

Ela me puxa para um abraço apertado. Elara faz parte da equipe de Will e eles se conhecem desde a faculdade porque ela namorava o colega com quem ele dividia o apartamento. Na época, saíamos juntos, os quatro e era bem divertido.

Quando foi promovido, o dono da empresa pediu a Will para indicar alguém para assumir a função dele, e ele puxou Elara. Mas nunca mais nos falamos. Elara é uma das pessoas que só passaram pela minha vida.

Ou será que fui eu quem a excluí?

Meu momento de sanidade hoje está sendo bastante dolorido.

— Você não apareceu mais. William estava sempre sozinho nas confras de fim de ano — ela estica a mão para pegar alguns canapés.

— Eu estive muito ocupada.

Minha desculpa favorita.

— Não perdeu muita coisa, sabia? As confras são meio mortas porque o CEO é um babaca.

— Jura?

Ela sacode a cabeça, fazendo o *black power* balançar.

— Ele quer que absolutamente cada detalhe do projeto passe por ele. O pobre do Liam teve que fazer um calhamaço de relatórios e ainda detalhar bem, porque ele é leigo em TI.

— Ah, que droga. Sinto muito.

— Não por mim — ela diz. — O *meu* chefe é legal. Sério… Seu marido é um pai para a equipe.

Sorrio.

— É bem a cara dele mesmo.

Eu e Elara conversamos durante um tempo até ela ser chamada por outro integrante da equipe. Eu não lembrava de metade das histórias da época que éramos amigas, até ela me contar. Trocamos *whats* e prometi a ela que vamos fazer algo juntas, algum dia.

Não demora muito até as câmeras se posicionarem no palco, indicando que a transmissão vai começar. Elara e outros colegas de trabalho de Will sentam-se ao meu lado e olho ao redor procurando por ele, até encontrá-lo atrás do notebook, perto de onde o CEO está colocando um microfone *headset*.

Will levanta os olhos por um momento e me pega espiando. Parece aquelas crianças catarrentas que ficam felizes ao ver os pais na apresentação da escola quando sorri. Se ele estivesse vestido de árvore, não pareceria mais fofo.

— Boa noite, *xangrianos*… Vocês devem saber quem eu sou.

O CEO dá uma risada, exagerando na performance. Ouço um dos meninos comentar que "xangrianos nem faz parte do vocabulário do jogo", mas a apresentação continua, sem interrupções.

— Eu queria contar um pouco da história de como a ideia surgiu…

— Ele vai chamar o Liam — Elara comenta.

William sai detrás do computador, mas antes que dê mais alguns passos, o CEO caminha para um dos extremos, atraindo a câmera e tirando-o do campo de visão.

— Xangrim sempre esteve na minha mente, desde que eu era uma criança. Desenhos, sonhos… O universo que vocês estão vendo ficou guardado só para mim por muito, muito tempo, até que eu decidisse compartilhar com vocês.

Vejo a mandíbula de Liam retesar, mas ele não se move. Elara xinga baixinho. E eu hesito, por alguns segundos decidindo o que fazer, até que me levanto, caminhando em direção ao palco.

A respiração difícil faz o caminho parecer mais longo. Sinto uma dor crescente, pressionando meu peito, e é a dor da ausência. Da *minha* ausência.

Liam tinha um babaca como chefe, todo esse tempo. E eu provavelmente não poderia fazer muita coisa a respeito, mas, se soubesse, poderia ter sido o porto seguro dele ao voltar para casa. Poderia ter ouvido os desabafos. Poderia aceitar assistir Boku no Hero que ele sempre pedia para ver só para consolá-lo depois de um dia ruim. E agora ele está aqui, e tudo está acontecendo na minha frente, e eu me sentiria péssima se ficasse inerte outra vez.

— Mentiroso! — grito. — A ideia não foi sua!

O CEO olha para mim de canto e então continua seu discurso, sinalizando para que a câmera não me pegue. Continuo avançando.

— Ei! Babaca…

Sinto uma mão me puxando pela cintura e tento resistir. Mas não seguranças. É o William. E em menos de dez segundos, estamos em um dos corredores.

— O que você está fazendo, Mae?

Seu tom é calmo e sereno. Mesmo depois de ter sido roubado sem o menor dos escrúpulos. Nunca vou entender esse homem.

— Isso não é justo, Will. Você não merece.

— E você não pode fazer um escândalo. Mesmo que seja dentro da sua bolha, você ainda é uma figura pública. Não pode se prejudicar por isso.

— Eu não ligo. — Desvio o olhar, tentando conter a minha raiva.

— Eu também não — ele diz, se aproximando. — A patente do jogo é minha, tudo que ele quer com esse discurso é o reconhecimento dos investidores. E eu não dou a mínima para isso.

— Mas não é justo. Você… Você está sendo *covarde.*

A acusação é minha. Eu estou sendo covarde. Todo esse tempo. E não sei lidar com isso.

Will mastiga um dos cantos da bochecha. Eu esfrego minha têmpora, andando de um lado para outro. Sua voz é quase um sussurro quando ele finalmente fala.

— Você tem razão. Estou sendo covarde.

— Will…

— Eu sei que tem algo errado. Algo muito errado. E não tenho coragem de perguntar o que é. Eu só tenho dado a você espaço, esperando que você termine tudo que precisa fazer e depois volte. Mas você não volta. Você não voltou para mim, Mae.

Engulo em seco, me dando conta que o assunto não é mais jogo. Liam fica parado, esperando minha reação. Essa tem sido a postura dele. Esperando e esperando algo que não sou capaz de oferecer.

— Desde que eu te conheci, você vive no seu próprio mundo. E isso não é um problema, desde que você deixe a porta aberta. Porque eu posso entrar

no seu mundo com você. Mas faz tempo que você fechou a porta. E isso… — ele inspira e expira. — Isso está acabando comigo.

Will se aproxima e preciso segurar a vontade de chorar. Permito que ele me abrace. Mas meus músculos enrijecem. Não consigo retribuir. E me odeio por isso.

— Por favor, não me deixe do lado de fora, Mae.

Eu quero muito.

Mas acho que perdi as chaves.

***

Existe uma única coisa que amo quando se trata de ir a uma festa com muitas luzes, muito barulho e muita gente.

Voltar para casa.

Minha casa sempre foi tão silenciosa? Minha cama sempre foi tão quentinha? Minha sala sempre teve esse cheiro de cozinha-com-bolo-no-forno?

Algumas pessoas poderiam pedir para perceber esses detalhes o tempo todo. Mas acho que não. Gosto de ser cega na maioria do tempo e então, em um lampejo de graça, ser capaz de enxergar tudo, ter um vislumbre do que realmente me cerca e ser inundada pela sensação de conforto que a percepção traz.

Entre medianidade constante e picos de alegria, eu sempre vou escolher a segunda opção. Por mais problemático que isso pareça, acho que não sei viver se não for assim. Acho que não existe Maeve se não for assim.

— O seu pé está machucado. — A voz de Liam me tira da inércia.

— É do salto.

— Tem curativos?

— Na segunda gaveta do escritório.

Me sento no sofá, sentindo minha cabeça latejar. Nesses momentos de confusão, tudo que quero é dormir, para ver se no outro dia as coisas estão mais em ordem aqui dentro. Talvez eu nem troque de roupa. Fecho os olhos por uns poucos segundos e ouço meus pensamentos gritando, fazendo confusão, como um bando de arruaceiros em um protesto. E é a mim que estão atacando.

— Encontrou? — Me viro para Liam assim que ele surge na sala.

E é bem aqui que tudo acaba.

Parece um daqueles momentos dramáticos em filmes, em que há uma cena se desenrolando, e a câmera está parcialmente bloqueada. Ela vai se aproximando, revelando o que está detrás, e as batidas do seu coração lentamente desaceleram, até parecer que ele vai parar.

Liam parece assustado. Confuso. Com medo.

Não.

Ele parece com raiva.

Ele está segurando nossos papéis de divórcio.

— William…

— Quando você ia me contar?

Suspiro. Guardo silêncio. Ele balança os papéis.

— Quando, Maeve?

— Depois da festa de hoje.

Liam engole em seco. Seus olhos se enchem. E mais uma camada na enorme culpa que eu estava sentindo me soterra com seu peso.

William deixa os papéis no balcão e vai até o quarto. Puxa uma mochila de cima do guarda-roupa e começa a colocar peças dentro.

— Aonde você vai?

Ele me lança um último olhar. Coloca a alça nas costas. E anda em direção à porta.

— Fazer o que você quer.

DEZESSETE

Eu tentei fugir
Me esconder de ti
Mas teu olhar me viu na escuridão
(Meu melhor - Gui Rebustini)

Eu dormi.

Dormi por dezenove horas seguidas e acordei em uma tarde solitária, com café de cápsula e música. Alguma sinfonia de Mozart, eu acho. Combina com o clima natalino da cidade.

Eu deveria estar feliz.

Eu não estaria feliz se a pessoa a quem eu estive presa por três anos simplesmente se soltasse de mim? Se eu voltasse a ser uma passageira que pode estar em qualquer lugar? Eu não sou a grande fã de despedidas?

Talvez eu só goste de dizer adeus quando sou eu quem está partindo.

— Eu estou acostumada com isso — repito, jogando toda a melancolia para o fundo da minha mente e pensando no que fazer, agora que só respondo a mim mesma, como sempre desejei.

Decido voltar ao sebo.

Antes disso, tento três vezes usar o caderninho, só para ter certeza de que a magia acabou. Não funciona mais. Então, aceitando meu destino, eu

entendo que o melhor é devolvê-lo para que a magia funcione para outra pessoa, esperando que ela tenha mais sorte do que eu.

Dirijo meio inerte pelo mesmo caminho que fiz na quarta quando toda a loucura começou. Estou usando o moletom de Liam, e isso me faz pensar que preciso me livrar de tudo que me lembra o meu ex-marido. *Logo tudo isso passa. Logo eu vou ficar bem.*

— Olá, bem-vinda de volta — diz o senhorzinho.

Reúno meu sorriso mais falso e explico que quero devolver o livro porque realmente não sou fluente em grego e que ele não precisa me pagar o dinheiro de volta. Compro mais alguns livros para deixá-lo satisfeito e então volto para o carro.

A chuva me pega ainda na saída. As gotas são grossas e doem na minha pele. Coloco o capuz do moletom e corro até o lugar onde estacionei, ligando o para-brisas. O aguaceiro é intenso e algumas ruas mal planejadas começam a encher.

Meus olhos estão tão inchados do tempo que dormi que mal consigo mantê-los abertos. Ligo o farol na potência mais alta. Desligo o som para me concentrar melhor. Penso no que Yara disse. Penso na festa. Penso em Liam.

Começo a chorar.

Sigo em frente desejando chegar em casa o mais rápido possível. Talvez eu tome um remédio e durma de novo. Amanhã eu ligo para Fred e o obrigo a me deixar trabalhar. Ou talvez passe um tempo com meus pais. Ou ligue para…

Não posso ligar para Jojô e pedir conselhos. *Se ao menos eu tivesse mais uma viagem. Só mais uma.* A dor esmaga o meu peito de um jeito tão excruciante que não percebo quando o sinal fecha, o carro derrapa e o som dos pneus rasgados anuncia que sofri um acidente.

Talvez eu durma por mais algum tempo.

DEZOITO

Eu chamo pelo seu nome
Porque Você é minha âncora
(Need - Ryan Ellis)

— Moça? Você tem seguro?

Alguém bate na minha janela com força. Saio do carro. Não dou atenção. A pessoa continua gritando e gritando, enquanto eu caminho na chuva, sem rumo, sem checar se estou machucada ou não e pensando que *air bags* podem não ser tão úteis quando fazem o trabalho direito.

— Você estava tentando morrer?! — Ouço a pessoa gritar.

Dou um sorriso sem humor.

A chuva diminui à medida que ando, ensopada. Enfio as mãos no bolso do moletom e perambulo pelas ruas molhadas. A cidade está meio vazia. Tudo parece um pouco com um sonho.

Caminho sem pensar em nada. Sendo empurrada por inércia. Contando os passos. Esquerda. Direita. Esquerda. Direita.

Chuto uma pedra.

Eu conheço bem essa parte do bairro. Tem um prédio residencial bem alto do outro lado da praça. Quando eu e Jojô passávamos por aqui de ônibus eu dizia a ela que queria morar no último andar. Bem isolado. E ela

dizia que não ia dar certo porque eu morreria de medo. O argumento do "vai ser difícil fazer supermercado" me assustava mais.

Do outro lado tem uma padaria. Perto da esquina, uma academia onde antigamente era uma escola. E bem aqui…

— Você de novo — rio.

Tem uma igreja.

— Você não sai do meu pé, não é?

Sento de costas para o prédio, na calçada, me sentindo uma perdedora. Mas não porque nunca consegui aquilo que desejava. E sim porque, mesmo que consiga, meus sonhos escorrem entre os meus dedos. E a culpa é toda minha. Tudo pode estar certo do lado de fora, mas eu não consigo me sentir bem, não consigo ter paz.

"Sua felicidade depende de você", as pessoas dizem. E que droga. Porque eu não sei me fazer feliz.

Viro e dou uma espiada para dentro do prédio. A igreja está aberta, porém vazia. E as luzes estão meio esmaecidas. Ou talvez seja a minha visão? Não sei dizer.

Consigo distinguir cadeiras acolchoadas em vez dos bancos de plástico da igreja de Jojô e o púlpito de acrílico não tem flores artificiais na frente.

Sorrio com a lembrança.

"Mamãe disse uma vez que pessoas com isso aí precisam encontrar uma co…"

Paro de sorrir.

"Qual era mesmo a palavra?"

— Uma constante.

As palavras saem tão pesadas da minha boca que nem tenho certeza se as disse em voz alta. Vários frames da minha vida passam diante dos meus

olhos. E o mesmo tipo de cena pisca repetidamente. Um convite. Um constante, insistente e perseguidor...

Convite.

Puxo o capuz da cabeça e esfrego as mãos na testa para tirar o cabelo molhado do meu rosto. A conversa com a garotinha se repete na minha mente, como eco em uma caverna vazia. Meu coração se contorce, e a dor, por incrível que pareça, começa a gerar alívio.

A igreja de Jojô. *Era ele*? Os convites na faculdade. *Ele.* Minha colega de editora que escreve romances cristãos. *Ele.* O lugar que Liam começou a frequentar. *Ele.* Aqui e agora.

Ele. Ele. Ele. Sempre ele. De todas as formas. Todas as vezes. Mesmo quando eu respondia que não acreditava. Mesmo quando eu partia seu coração. Mesmo quando eu lhe dava as costas. Mesmo quando eu não tinha o mínimo interesse em ouvir o que Ele tinha a dizer.

Enquanto minha vida mudava, algo permanecia. No vaivém de pessoas, alguém escolhia ficar. Jamais partia. Jamais desistia.

Ele. Sempre Ele.

As ondas sacudiram meu barco. E o vento o levou de um lado para outro. Mas *Ele*, sempre Ele, foi a minha âncora. Sempre me atraindo com o peso de sua presença, sempre debochando da minha ideia de não pertencer a nada e a ninguém, porque cada bendito passo da minha jornada carrega suas marcas.

Eu nunca seria capaz de fugir. E, agora, não sou mais capaz de resistir.

Dou alguns passos para dentro do lugar e empurro a porta, abrindo-a. É uma sensação esquisita e extremamente nova de que eu, finalmente, estou presa a Alguém. E isso não é mais assustador. Porque a corda não está sendo amarrada. Está sendo puxada de volta. Meu corpo nunca esteve aqui. Mas minha alma, sim.

E ela sentiu saudades.

— Deus? — digo, parando diante do púlpito e lembrando do pastor chamando as pessoas à frente no único culto que já participei. Sorrio. Jojô me contou que Ele também disse que era Pastor.

Meu pastor está me chamando?

— Eu não quero mais empurrar as pessoas para fora da minha vida.

Rio. Esfrego bem os olhos, enxugando as lágrimas, e rindo de verdade. Ele estava batendo na porta esse tempo todo? Por todos esses vinte e seis anos? Ah, eu sinto muito, demais pessoas da fila. Vocês vão esperar mais um pouquinho, porque eu preciso começar por Ele.

Preciso começar por quem mais insistiu para ficar.

— Você quer entrar na minha vida?

Continuo rindo e chorando. E me achando uma idiota por não ter percebido antes. Mas, ao mesmo tempo, agradecida, profundamente grata, por não sertarde demais.

— Mas entrar e não sair mais, ok?

DEZENOVE

Porque você é a minha criança
E eu te amo
(When I hear the praises start - Keith Green)

Minha cabeça dói.

É a primeira coisa que penso quando abro os olhos. O zumbido no meu ouvido desvanece lentamente, sendo substituído pela voz de Fred em algum ponto perto da minha cama. Estamos em um hospital.

— Fred?

— Ah, que bom que você acordou, *sunshine* — ele se dirige novamente ao celular. — Falo com você depois, Aline.

Ergo as sobrancelhas.

— Quem é Aline?

— Minha namorada.

— Há quanto tempo?

— Há duas horas, quando fiz o pedido, antes de eu receber uma ligação porque você tinha batido o carro… Ficou louca, Maeve?

Dou uma risada.

— Me desculpa atrapalhar seu momento romântico.

— Isso não é hora para piadinhas.

Ah, é sim. Estou feliz por ter encontrado minha constante e talvez agora tenha uma chance de arrumar as coisas com Liam, embora não saiba como fazer isso. Mas estou em paz. Porque apesar da vida ainda se parecer muito com um fardo na maioria das vezes, sei que agora não preciso mais carregá-lo sozinha.

O acidente me quebrou e me consertou.

Se bem que…

— Eu quebrei alguma coisa?

— Não — Fred responde, suspirando aliviado. — Seu acidente não foi grave. Você devia estar nervosa para ter apagado.

Franzo o cenho.

— Não foi grave? O carro me pegou pelo meio.

— Quê? Oh, doidinha. Você só apanhou na traseira tentando ultrapassar um cara.

— Hã?

— Eu aposto que ele flertou com você, não? A sua cara fazer isso. Mas quando me ligaram fiquei morto de preocupação. Ainda bem que eu era seu número de emergência.

— Fred! Eu não sofri um acidente no sábado, perto daquele bairro onde minha tia morava?

Ele me encara assustado.

— Você sofreu um acidente *hoje*, quarta-feira. Liam disse que esbarrou em você de manhã, enquanto você saía com uma sacola de livros e ele voltava virado do trabalho. Você também nem para dar um pouquinho de atenção ao cara, hein, Maeve? E o que a gente conversou ontem?

Ontem?

Olho para baixo e estou com meu suéter e mini saia. A roupa que saí para ir ao sebo pela primeira vez. Pego meu celular na bancada e checo a

data. Quarta. Ainda não fui ao sebo. Ainda não comprei o caderninho. Yara ainda está grávida. O game ainda não foi lançado. William ainda não saiu de casa.

William ainda não…

— Cadê o Will?

— Está vindo pra cá, voando. Não faz muito tempo que liguei para ele, mas eu fiz um suspensezinho… — Fred joga a cabeça para trás em uma gargalhada maléfica. — Minha voz soou superpreocupada e eu disse que você estava desacordada. Depois você me agradece, *sunshi*… Ei, tá indo aonde?

— Encontrar o meu marido.

— Eita, efeito reverso. Espera, Mae!

Calço os sapatos e saio correndo pelo hospital. Esbarro em uma árvore de natal no corredor e algumas bolinhas saem rolando pelo chão. As enfermeiras me encaram, como se eu fosse louca, porque comecei a rir, mas eu mal consigo acreditar que ganhei uma última viagem. *Uma última viagem no tempo.* A que eu mais precisava.

Viro o último corredor em direção à saída, quando vejo Liam atravessar a porta, iluminado pela aura das segundas chances que meu novo Companheiro de vida ama dar às pessoas, pelo pouco que conheço dele.

O olhar preocupado de Liam me encontra e ele suspira, aliviado, parecendo incerto do que fazer em seguida. Mas eu sorrio. Sorrio de verdade. Caminho até ele.

E o abraço com força.

Liam demora um pouco para retribuir, e então cede. O aperto mais um pouquinho, agradecida, *tão agradecida*, que o seguro como se ele pudesse escorregar das minhas mãos. Me afasto do seu corpo e ele segura meu rosto, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você parece ter muitas coisas para me contar, Sirizinho. — É a primeira coisa que ele diz.

Assinto com a cabeça. Tenho muito a dizer. Muito mesmo. Mas a coisa mais importante não será sobre mim.

— Will… — Pisco para afastar as lágrimas. — Você sabia que músicas com nomes de número podem fazer a gente chorar?

VINTE

Porque sei de alguém que encontrou o seu lugar
(Guia-me - Daniela Araújo)

Retirado do livro: "Relatos de uma garota confusa de quase trinta."
Por Maeve Lee. 2024.

Círculos não são infinitos.

Ok, meu marido é de exatas. Ele fez exatamente a mesma cara que você está fazendo agora quando eu disse a ele o maior desaforo que um matemático já ouviu.

Mas eu prefiro o lado da poesia. Onde eu posso explicar o meu absurdo e deixar você boquiaberto, mesmo que no final não tenha dito nada com nada.

Deixe-me tentar.

Enquanto penso no meu argumento, giro minha aliança na mão esquerda até ela se soltar e a coloco na palma da mão. Não consigo ver onde meu anel dourado começa ou termina. E talvez esse seja um bom simbolismo para um casamento.

Somos tentados a almejar pelo infinito. Queremos que a paixão da adolescência dure para sempre. Que nossas caras nunca fiquem enrugadas.

Que sempre possamos assistir nossos filmes favoritos ou ler nossos livros favoritos como se fosse a primeira vez.

Toda magia tem data de validade.

Mas quando a magia acaba nasce um outro tipo de dádiva. Aquela em que nossas paixões deixam marcas que nos fazem amadurecer. Em que nossas rugas selam as melhores memórias. Em que nossos filmes e livros favoritos se integram a nossa personalidade, mesmo que a gente nem se lembre mais do porquê gostamos tanto deles.

Mesmo quando o sino bate meia-noite, Cinderela ainda tem um lado do sapato.

É por isso que círculos não são infinitos. Eles são apenas sortudos. Porque seu começo e seu fim coincidem. Estão exatamente no mesmo ponto. E é assim que todas as coisas devem ser.

Quando a magia acabar, é o fim do círculo. Mas em vez de parar, dê mais um passo. Lembre-se por que começou. E siga para mais uma volta. Talvez nessa velha, nova, diferente e repetida viagem você descubra coisas que não tinha notado antes.

E essa será a beleza do fim.

Te dar um motivo para recomeçar.

AGRADECIMENTOS

À minha Constante, por sempre puxar a corda de volta e me lembrar que pertenço a Você. Eu te amo, Eterno.

À Julie Ane Lemos por mandar um direct dizendo: “se você fizer te dou revisão e leitura crítica de graça, pegar ou largar” e assim me levar à compartilhar essa história por livre e espontânea pressão. Obrigada, Juju.

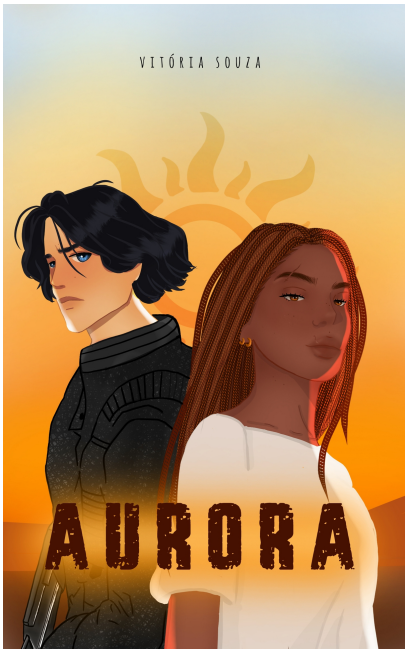
À Yasmim Carvalho, por ser a primeira pessoa a conhecer e amar a Mae e o Liam, e a Karen Fernandes e Gustavo Pires por toparem a betagem. Amo vocês, amigos.

E a você que passou da primeira página e, como se não fosse o bastante, chegou até a última. Que você se lembre de que nunca esteve vagando como os grãos de poeira, porque Alguém pagou o preço para chamar você de “meu”.

Até a próxima, chuchus.

LEIA TAMBÉM

Aurora: romance distópico com simbologia cristã



E SE EXISTISSE UMA REALIDADE ONDE A PANDEMIA DE 2020 DIZIMOU A POPULAÇÃO MUNDIAL?

Kyresia é um país pós-apocalíptico criado para abrigar os poucos sobreviventes da pandemia de C-19. Trinta anos depois, os kyresianos vivem sob a hegemonia de um governo tirano que restringiu suas liberdades e dividiu o território em províncias, nomeadas de acordo com a posição que ocupam na cadeia de produção do país.

Apesar da exploração e da violência do atual sistema, o medo de que uma nova onda possa surgir mantém a população refém das decisões do presidente, que os faz acreditar que a atual conjuntura é a única forma de garantir sua segurança.

Mas tudo muda quando Helsye Agris, uma garota comum da Província Agrícola, descobre ter algo que pode mudar radicalmente o rumo da própria vida e reacender a esperança há muito adormecida no coração de toda a humanidade.

E ela não estará sozinha nessa jornada.

SOBRE A AUTORA



Vitória Souza era só uma garota esquisita até que, por algum motivo, Jesus achou que ela seria uma boa melhor amiga.

Desde então, os dois são inseparáveis e ela tenta encaixar Ele em qualquer conversa, inclusive nos livros que escreve e na página que ela criou sobre Ele, a @jesuschuvaelivros.

Quando não estão escrevendo livros, você pode encontrar os dois lendo juntos, dividindo um café ou dançando e cantando Gable Price and Friends bem alto na cozinha da casa dela.

Um dia eu posso apresentar vocês, meu melhor amigo ama novos amigos (e, sim, eu esqueci de usar a terceira pessoa).